

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA
GIULLIA DE FREITAS LONGO

“Eu não sou apenas Eu, também sou Nós”: uma análise
das relações interpessoais contemporâneas a partir da
série Sense8

São Paulo

2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA
GIULLIA DE FREITAS LONGO

“Eu não sou apenas Eu, também sou Nós”: uma análise
das relações interpessoais contemporâneas a partir da
série Sense8

Trabalho de Conclusão de Curso
como exigência parcial para a
graduação no curso de Psicologia,
sob orientação da Prof^a Ivelise Fortim.

São Paulo

2017

Agradecimentos:

Concluir este trabalho representa chegar ao fim de um ciclo de infinitos encantos, e iniciar uma nova estrada, ainda desconhecida, mas certamente desde já muito esperada.

Além disso, e principalmente, este momento fala da mulher que me tornei ao longo desses anos na Psicologia. Esses anos todos de PUC, passeando pelos caminhos mais bonitos e também pelos mais feios; com as experiências mais fáceis, e também com as mais difíceis; com os encontros mais cheios de singeleza, e certamente também com os mais duros; com cores das mais vivas, e tantas vezes também sem cor alguma. Todos esses anos, que me trouxeram à imagem que vejo hoje em meu espelho; que me permitiram me criar e me aprender, me reaprender, me recriar; que me levaram às mais bonitas complexidades do Outro e de mim; e que me permitiram aprender, acima de tudo, a olhar.

Sou extremamente grata à vida pela possibilidade de percorrer caminhos tão ricos. Sentir este momento é perceber que, como se diz por aí, nenhum ser humano vive sozinho. Não vivemos. Tiro então este espaço para registrar minha eterna gratidão a quem caminhou comigo.

Antes de tudo e sempre, aos meus pais, Norberto e Maria Helena, pela vida. Pelas demonstrações diárias de indescritível amor e força, por sua dedicação e cumplicidade, pelo seu inesgotável cuidado, e por abraçarem comigo todas as minhas escolhas, sendo sempre porto seguro. Esse momento é tanto meu, quanto de vocês. Obrigada.

À minha irmã, Joanna, meu maior presente, grande amor da minha vida. Obrigada por inaugurar tão bem em meu caminho a experiência da alteridade, por me acolher principalmente naquilo que não compreende, e por reconhecer em meus olhos as semelhanças que tantas vezes nos fazem uma só. Eu te amo com todo o meu coração.

Aos meus avós, Luiz e Ruth, por existirem assim como são, fonte de inesgotável acalanto. Jamais conseguirei expressar minha gratidão por ser fruto desse amor.

À minha madrinha, Paula, por ser prima, amiga, mãe e irmã, com seu abraço aninhado e forte – e por Rafaela, que veio para encher meu coração de ainda mais amor e ternura. Obrigada.

Aos meus amigos, que certamente sabem que o são, por me mostrarem que tempo e espaço não são mesmo lá tão relevantes diante laços tão verdadeiros. Em

especial aos meus irmãos de escolha, Ana, Camila, Gabriella, Sarah, Gabriel e Murilo, amigos de ontem, de hoje e de sempre, por seguirem comigo e me guardarem no que de mais verdadeiro há em nós. E a Hugo, por construir comigo, com a compaixão que carregamos no braço, uma amizade tão bonita e sincera – e certamente por me apresentar ao universo dos sensates: “Nega, assisti uma série que você tem que ver!” mudou muitos dos meus rumos.

Às minhas Adeles amadas, minhas amigas, presentes que ganhei da PUC, de São Paulo, da vida, que caminharam comigo pelas pequenas nuances deste caminho, tornando-o leve nas situações de mais improvável leveza. Obrigada pelos encontros no Cafil, pelos abraços, pelas confissões, pelo aconchego, por serem essas mulheres incríveis, por me fazerem mais forte, e por certamente seguirem comigo e em mim, de agora em diante.

À minha psicóloga, Fernanda, sempre ali, me auxiliando no percurso a mim mesma. Na falta de palavras melhores, fico com algo que um colega disse certa vez: “não há nada melhor no mundo do que uma boa terapeuta”. Não há. Obrigada.

E, é claro, às tantas vidas com as quais cruzei nesse caminho da graduação, na clínica e nas demais instituições. Certamente cada um desses encontros me fez reafirmar a escolha pela Psicologia, enchendo meus olhos de ainda mais encanto pelo ser humano e pela força que dele brota em flor, nos solos mais áridos. Em especial às trabalhadoras do CAPS e do CECCO da Mooca – Benê, Jacira, Maria, Terezinha e Silvia – por sua força e ternura, por sua luta e seus sorrisos. Obrigada, por de fato inaugurarem em mim o fazer da Psicologia, um sentimento que as palavras jamais alcançarão. Também às minhas colegas e, desde então amigas, Bárbara, Helena e Luísa, que viveram comigo esse sentimento. E ao professor José Agnaldo Gomes, que supervisionou com tanto cuidado e maestria essa experiência. Obrigada!

Por fim, e sem menos importância, minha gratidão sem medidas aos professores que tanto dividiram e construíram comigo. Principalmente a Ivelise Fortim, minha professora e orientadora, pelo empenho e pela parceria, acalmando as tantas ansiedades do percurso, com sua paciência e segurança; construindo comigo este trabalho, e, mais do que isso, sendo a cada dia exemplo e inspiração nos caminhos da Psicologia.

Por tantos laços cheios de densidade e afeto, deixo meu mais sincero agradecimento ao universo, e o desejo de que os caminhos que estão à frente sejam, como esse de agora, tão cheios de luz.

“Em línguas que formam a palavra ‘compaixão’ não da raiz ‘sofrimento’, mas da raiz ‘sentimento’ (...) a força secreta da etimologia da palavra a inunda com outra luz e lhe dá um significado mais amplo: ter compaixão (co-sentimento) significa não apenas ser capaz de viver com o outro seu infortúnio, mas também sentir com o outro qualquer emoção – alegria, ansiedade, felicidade, sofrimento. Esse tipo de compaixão (no sentido de ‘soucít’, ‘współczucie’, ‘mitgefühl’, ‘medkansla’) significa, assim, a máxima capacidade de imaginação afetiva, a arte da telepatia das emoções. Na hierarquia dos sentimentos, então, é o sentimento supremo.”

Milan Kundera

LONGO, GIULLIA, (2017). “Eu não sou apenas Eu, também sou Nós”: uma análise das relações interpessoais a partir da série Sense8. Orientadora: Ivelise Fortim.

RESUMO

As transformações proporcionadas pelo capitalismo, o qual traz ao ser humano uma dinâmica de efemeridade, bem como a capacidade de conectar-se de maneira eficiente a realidades cada vez mais distantes da sua, recebem críticas diversas, levantando questionamentos quanto ao caráter do tipo de relação interpessoal que se estabelece no dito capitalismo flexível. Neste sentido, a totalidade psíquica do indivíduo contemporâneo e como se dão suas relações são fatores de relevante reflexão, à medida que se entende que as transformações proporcionadas por um modelo de organização sócio-econômica trazem consequências a todas as esferas da vida humana. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo observar em que se baseiam as relações interpessoais contemporâneas, no que se refere a configurações familiares e redes afetivas e de apoio. Leva-se em consideração, para tanto, o postulado de ser humano enquanto ser imbricado no coletivo e em um processo histórico. Neste sentido, e à luz da Psicologia Analítica, o trabalho se constrói com base em uma análise da recente web série Sense8, criada e dirigida pelas irmãs Wachowskis. A série sugere o (re) nascimento de seres humanos em um estágio de evolução que proporciona um tipo de conexão perdida entre os seres humanos dos grandes centros capitalistas do mundo contemporâneo. Mostra assim, como se estabelecem as relações interpessoais, chamando à atenção a necessidade de relacionamentos que sejam mais simétricos e tomem por base laços mais densos e duradouros.

Palavras-chave: *contemporaneidade; capitalismo; totalidade psíquica; organização subjetiva; conexões; tecnologia; psicologia analítica; psique; Wachowskis; sense8, sensates.*

Sumário

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	A análise da contemporaneidade e a Psicologia	7
1.2	A Psicologia e ser humano enquanto ser histórico	8
1.3	As produções artísticas e audiovisuais	10
1.4	Sense8	12
2	OBJETIVO	15
3	AS RELAÇÕES HUMANAS NA PÓS-MODERNIDADE	16
3.1	As relações interpessoais	16
3.2	Família na pós-modernidade	18
4	AS RELAÇÕES HUMANAS ÍNTIMAS	23
5	AS PRODUÇÕES SERIADAS	29
6	RESUMO DA SÉRIE	32
7	MÉTODO	35
8	ANÁLISE	37
8.1	Relação amorosa	37
8.2	Relações parentais	39
8.3	Relações fraternas	41
8.4	Gênero e sexualidade	46
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
10	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52

1 INTRODUÇÃO

1.1 A análise da contemporaneidade e a Psicologia

A proximidade temporal com as transformações características do momento sócio-econômico presente faz com que a análise da contemporaneidade, em suas diversas facetas, seja uma árdua tarefa, uma vez que nos encontramos diretamente envolvidos com e vivenciando tais processos. Esse envolvimento nos coloca em risco iminente de não obter suficiente distanciamento para a análise destas transformações, e acabar recorrendo a constructos antigos e aprisionantes (Romão-Dias e Nicolaci-da-Costa, 2005).

É fato, porém, que as transformações sócio-econômicas influenciam os diversos âmbitos da vida dos indivíduos, sendo necessário, então, que nos impliquemos em estudá-las, a despeito do risco apontado por Nicolaci-da-Costa (2005). Desta forma, se faz importante a implicação nos estudos de tais influências no que se concerne à totalidade psíquica do indivíduo que as vivencia, a fim de se ampliar a compreensão de ser humano. Para tanto, ao pensar contemporaneidade, aqui, se tem em mente o momento histórico em curso, o qual tem por referência o modelo capitalista nos grandes centros urbanos, bem como as transformações sociais que lhe seguem, tendo por interesse a vida psíquica do indivíduo contemporâneo.

Não raro, as Ciências Humanas caracterizam as sociedades, no seu desenvolvimento histórico, tendo como base o modelo econômico que as rege em determinado momento. Tal modelo aparece como característica central ao redor da qual giram as diversas dimensões da vida humana, o que é tão vastamente discutido por estudiosos como Bauman (2004). Com o objetivo de buscar uma boa qualidade de vida no que concerne ao individual e ao coletivo, é relevante que se realizem reflexões acerca das transformações políticas, econômicas e culturais fomentadas por um dado sistema de organização econômica e social. Nesse contexto, interessa à Psicologia a reflexão de transformações na organização psíquica dos indivíduos incluídos neste sistema.

Faz-se imprescindível, portanto, observar a contemporaneidade à luz do capitalismo que a rege, um capitalismo dito flexível que, segundo Pereira (2009), preconiza um estado de prolongada deriva, com mudanças, riscos, curtos prazos e,

consequentemente, insegurança. O mundo contemporâneo, neste sentido, é permeado pela aceleração do tempo e pelo alto nível de consumo, características de seu modelo econômico e da globalização cada vez mais abrangente (Esteves, 2014), que promovem transformações nas mais diversas esferas da vida. Levando em consideração, assim, quão tênue é a linha que separa as dimensões econômico-objetivas das dimensões afetivo-subjetivas do ser humano (Nicolaci-da-Costa, 2004), o olhar da Psicologia sobre a influência deste modelo capitalista na vida psíquica e nas relações afetivas dos sujeitos torna-se relevante.

1.2 A Psicologia e ser humano enquanto ser histórico

Pensar o humano a partir das influências do modelo socioeconômico vigente é consequentemente enxergá-lo enquanto ser histórico. Dentro da Psicologia, ciência dotada de diferentes linhas teóricas, as concepções de ser humano imbricado nas dinâmicas sociais e na história são também diversas. Tendo em vista o embasamento teórico do presente trabalho se fazer a partir da Psicologia Analítica, se faz importante aqui diferenciar sua concepção de ser humano enquanto ser histórico daquela proveniente na Psicologia Sócio Histórica, que tão amplamente se debruça sobre as implicações dos sistemas sócio-econômico-culturais no ser humano.

A Psicologia Analítica defende, desde seus fundamentos e tal como a Psicologia Sócio-Histórica, a noção de ser humano dentro de um contexto coletivo. O enfoque destas teorias é, no entanto, bastante distinto. A Psicologia Sócio-Histórica, que traz por fundamentos o marxismo e o materialismo dialético e histórico, compreende o fenômeno psicológico enquanto fenômeno que se desenvolve ao longo do tempo, não sendo preexistente, não pertencendo à natureza humana, mas sim refletindo a condição social, econômica e cultural em que se vive (Bock, 2001).

Sob esta premissa, tal teoria não se veicula, ainda segundo Bock (2001), a noções apriorísticas do sujeito, aquelas que defendem estruturas e mecanismos prontos e a priori para o funcionamento do indivíduo enquanto ser humano. Defender o ser humano enquanto ser histórico, para a Psicologia Sócio-Histórica, é defender, então, que os fenômenos psicológicos que caracterizam o ser humano se deem a partir de uma relação dialética com o mundo social. Ou seja, o indivíduo é histórico uma vez que se constitui enquanto humano a partir de sua relação com o

mundo externo e concreto no qual vive.

Por sua vez, sob um enfoque junguiano, falar em contemporaneidade, ainda que em referência direta ao momento presente em curso, é falar também do passado e do futuro da humanidade. Sendo assim, se observa, nas ideias de Jung e de seus seguidores, uma concepção global de ser humano imbricado na história comum a seus semelhantes.

“O homem ‘possui’ muitas coisas que ele não adquiriu, mas herdou dos antepassados. Não nasceu tabula rasa, apenas nasceu inconsciente. [...] O homem traz do berço o plano básico de sua natureza, não apenas de sua natureza individual, mas de sua natureza coletiva. Esses sistemas herdados correspondem às situações humanas que existiram desde os primórdios: juventude e velhice, nascimento e morte, filhos e filhas, pais e mães, uniões etc. Apenas a consciência individual experimenta essas coisas pela primeira vez, mas não o sistema corporal e o inconsciente. Para estes só interessa o funcionamento habitual dos instintos que já foram pré-formados de longa data.” (JUNG, 2013c, pp. 312-313)

Tais considerações não se revelam de todo inválidas numa perspectiva Sócio-Histórica, a qual não exclui de suas considerações as produções do passado e as projeções de futuro como implicadas nas relações sociais do presente em que vive o indivíduo. No entanto, enquanto a Psicologia Sócio-Histórica compreende o ser humano como ser que se constrói na relação social sem fatores inatos ou a priori, a Psicologia Analítica faz sua análise baseando-se, como apontado, primordialmente nestes fatores, os chamados arquétipos do inconsciente coletivo.

Na contramão da Sócio-Histórica, Jung propõe o conceito de inconsciente coletivo como dimensão fundante da psique humana, o qual se revela como arcabouço hereditário em que estão as possibilidades humanas de recriar, através de suas experiências individuais, imagens por seus ancestrais já construídas e repetidas em determinado tempo sócio-histórico – os chamados arquétipos (Jung, 2014).

Para a abordagem Analítica, o inconsciente coletivo é, portanto, fundante de toda a vida psíquica, a qual funciona numa estrutura fundamentalmente dinâmica, que se baseia na dualidade de pares de opostos, os quais, juntos e em equilíbrio, devem formar um todo. Neste sentido, Jung compreende a psique como totalidade entre mundo externo e mundo interno. Tal compreensão demarca, assim, a importância da consideração de todos os fatores de um todo que integra microssomo e macrossomo, entendendo o ser humano, desta forma, como uma

totalidade eco-bio-psico-social (Penna, 2005).

A ideia de psique humana enquanto totalidade é base ao pensamento junguiano, e se dá entre o nível inconsciente, que abarca o mundo subjacente e desconhecido, e o nível da consciência, que fala do mundo manifesto. Ainda segundo Penna, a base da ontologia junguiana é a noção de uma totalidade dinâmica que se move através de padrões organizadores independentes da consciência, ditos arquétipos.

1.3 As produções artísticas e audiovisuais

Como padrões organizadores da totalidade psíquica, os arquétipos manifestam-se à consciência através de imagens simbólicas (Jung, 2014). Uma das formas de expressão simbólica dos arquétipos concerne à mitologia. Os mitos se referem a situações que todo ser humano se depara no decorrer de sua vida. Portanto, ainda que na sociedade contemporânea se condene o sagrado e seus ritos, e o mito esteja aparentemente adormecido, “a função simbólica permanece presente, ajustada nas atuais conjunturas de mundo” (Cavalheiro, 2016, p. 15).

Neste sentido, ainda segundo Cavalheiro (2016), o impulso humano de viver a mitologia se renova de acordo com as nuances tomadas pelo modelo narrativo de determinada cultura e sociedade, nuances estas que desenham a forma pela qual o material mitológico vai chegar aos indivíduos. Na contemporaneidade, a narrativa se solidifica nas produções audiovisuais midiáticas, causando efeito de identificação e reflexão no espectador e sendo, portanto, de grande valor analítico (Cavalheiro, 2016).

As produções audiovisuais são um importante aspecto da Revolução Tecnológica, tendo sofrido uma massificação, ou seja, passado a se disseminar rápida e facilmente através dos meios de comunicação. Como coloca Oliveira (2007), acompanhar histórias veiculadas pelos meios de comunicação de massa é atualmente atividade corriqueira, com importante papel no imaginário contemporâneo.

Dando atenção à conseqüente importância das produções artísticas, observa-se que Jung (2013d) enfatiza, em sua análise, aquelas obras de arte que se impõem ao autor, trazendo em si sua própria forma e indo além das obras criadas intencionalmente e, portanto, determinadas pelo que é pessoal do artista. Com tal

enfoque, chama à atenção à necessidade da psicologia de se despojar do olhar médico na análise das obras de arte, ressaltando, assim, a inadequação da insistência na causalidade pessoal, uma vez que a obra de arte é um fenômeno dito suprapessoal. Neste sentido, coloca-se a obra de arte como dotada do poder de se libertar das estreitezas de tudo que é pessoal.

A Psicologia Analítica de Jung enxerga a obra de arte, assim, como melhor forma de expressão para conteúdos provindos do inconsciente coletivo, ou seja, como símbolos, os quais são carregados de sentido amplo e elevado (Jung, 2013d). Segundo este autor, os produtos artísticos são compostos de símbolos referentes às imagens primordiais (arquétipos), formados por experiências típicas da espécie humana, e indo, portanto, além dos conteúdos pessoais do artista. A obra de arte é, então, como aponta Jung, dotada de um caráter social.

“É aí que está o significado social da obra de arte: ela trabalha continuamente na educação do espírito da época, pois traz à tona aquelas formas das quais a época mais necessita. Partindo da insatisfação do presente, a ânsia do artista recua até encontrar no inconsciente aquela imagem primordial adequada para compensar de modo mais efetivo a carência e unilateralidade do espírito da época. Essa ânsia se apossa daquela imagem e, enquanto a extrai da camada mais profunda do inconsciente, fazendo com que se aproxime do consciente, ela modifica sua forma até que esta possa ser compreendida por seus contemporâneos. O gênero da obra de arte permite uma conclusão sobre a característica da época na qual ela se originou.” (Jung, 2013d, pp.83-84).

Sob tal enfoque, se abre aqui espaço a um entendimento das produções artísticas, inclusive as audiovisuais, como processos também coletivos presentes nos movimentos que predominam em uma época. Isso, por sua vez, coloca tais produções como fontes frutíferas na análise das transformações contemporâneas.

Neste sentido, Barcellos (2004) defende que as categorias do pensamento junguiano têm muito a contribuir com uma reflexão genuína da arte, estando assim a serviço não só do indivíduo, mas também do mundo e das coisas do mundo. O autor aponta que tanto Jung quanto Neumann trazem a noção de que, através de produtos criativos, um complexo do inconsciente pessoal levou a personalidade do artista para além de seus limites, apresentando uma obra que diz respeito a toda a coletividade, com um real significado coletivo (Barcellos, 2004). Portanto, as questões surgidas da observação e da vivência de transformações históricas, políticas, econômicas, sociais e subjetivas em curso em determinado momento,

abrem espaço a produções artísticas que claramente falam das questões consteladas na coletividade, e buscam lhes dar respostas.

Uma vez, então, que, para a teoria junguiana, como apontado, a criação artística se dá, muitas vezes, por inspirações avassaladoras que chegam ao artista a partir das esferas profundas da psique, da dimensão coletiva da totalidade psíquica, torna-se cabível a análise destas produções. Estas são fruto da criatividade, que, segundo o próprio Jung (2013d), é vivenciada como um processo, uma vez que se dá como complexo autônomo, “aparecendo ou desaparecendo de acordo com a tendência que lhe é inerente” (p.79). Tal processo é caracterizado, na Psicologia Analítica, pela função da psique dita transcendente, a qual é, ela própria, a função da transformação, uma operação criativa na qual existem juntas polaridades opostas (Barcellos, 2004).

Diante a observação de todo este cenário, vemos, cotidianamente, produções dos meios de comunicação que versam sobre questões e histórias de grande impacto na população. Para Oliveira (2007), “a análise simbólica dos produtos dos meios de comunicação pode lançar luz sobre problemas constelados na contemporaneidade” (p.12), fazendo-se então de grande importância, uma vez que as imagens trazidas por estes produtos se referem à cultura na qual estão envolvidas as pessoas que recorrem à psicoterapia (Beebe, 2001 apud Oliveira, 2007, p.12). Bem como as notícias, o acompanhamento das produções cinematográficas e televisivas também se configura atividade corriqueira no cotidiano dos indivíduos.

1.4 Sense8

Assim sendo, diante tais observações, bem como a relevância apresentada das produções artísticas enquanto traduções de processos psicológicos também coletivos, o presente trabalho visa analisar a web série Sense8, produzida atualmente pelas Wachowskis, em parceria com a Netflix.

As irmãs Wachowskis, escritoras e diretoras de famosas produções cinematográficas consideradas inovadoras e transformadoras de paradigmas, como a aclamada trilogia Matrix, desenvolveram e produziram, em conjunto com J. Michael Straczynski, a web série de ficção dramática Sense8, que contou com 2 temporadas, sendo cancelada pela Netflix em junho de 2017. Apesar da significativa aceitação do público, o cancelamento, segundo a plataforma, se deveu aos custos demasiados na

produção da série, que requeria um fluxo de viagens muito intenso dos artistas, para sua produção.

Tendo concebido a ideia da série numa conversa corriqueira com as Wachowskis acerca do paradoxo da tecnologia que nos une e divide ao mesmo tempo, Straczynski define a série, em entrevista ao repórter Orley, do site BuzzFeed (2015) como “uma história global contada numa escala planetária sobre a transcendência humana e sobre o que tem significado ser humano numa sociedade contemporânea” (s/p).

A produção traz como enredo o surgimento de uma evolução da espécie humana, na qual indivíduos absolutamente desconhecidos passam a se conectar uns aos outros mental e emocionalmente, sendo capaz de se comunicar, bem como dividir sensações, sentimentos e pensamentos, aparentemente sem o auxílio de nenhum aparelho tecnológico e mesmo estando em diversos lugares do planeta.

É importante ressaltar, aqui, que essa análise é realizada com foco na primeira temporada, tendo o trabalho se iniciado antes da conclusão da série. Embora haja, então, o potencial aparecimento de novas ideias na temporada subsequente, não haverá prejuízo à análise das cenas selecionadas a partir da ótica da Psicologia Analítica.

As Wachowskis e Straczynski, em parceria com a rede Netflix, lançaram, em junho de 2015, a primeira temporada de Sense8, com um total de 12 episódios de aproximadamente 50 minutos cada. Com grande sucesso, tendo recebido notas variando entre 8,0 e 9,0 na maioria dos episódios, de acordo com pesquisas feitas pelos sites *imdb* e Banco de Séries, a primeira temporada da série revela o surgimento deste grupo de “*sensates*”, oito pessoas ao redor do mundo que passam a comunicar-se e sentir-se como se estivessem não apenas fisicamente próximas, mas também emocionalmente extremamente conectadas.

O enredo da primeira temporada tem como enfoque principal a apresentação dos protagonistas, bem como a descoberta, por estes personagens, das implicações em “renascer *sensate*” – como é colocado na série. À medida que vão se deparando com as transformações subjetivas implicadas neste processo, iniciado mediante a morte de uma *sensate*, que originou um novo grupo desta configuração humana, os personagens passam também a ser perseguidos por uma organização que pretende

impedir o desenvolvimento destes novos humanos. Tal organização é liderada por um indivíduo que, renascido *sensate*, se voltou contra sua nova espécie.

Tal configuração, além de suscitar críticas das mais diversas, abre espaço a um público bem específico. Pode-se inferir que a chamada Geração Y – hoje jovens adultos, nascidos entre as décadas de 1980 e 1990 – se configure como grande parte do público de *Sense8*. Como aponta Ribeiro (2016), as produções seriadas são de fato consumidas em grande escala por esta geração e, sem dúvidas, criadas visando este público.

A geração Y cresceu rodeada de avanços tecnológicos, bem como de profundas transformações nas estruturas de relação interpessoal na sociedade (Ribeiro, 2016). Aprendeu desde cedo a lidar com as diferenças e inovações, e, como mostra Ribeiro, foi a geração que mais recebeu cuidado, estímulos e informações, sendo criada para exercitar seus direitos. Ainda segundo esta autora, esta geração é considerada contraditória à medida que, a despeito da competição que lhe é própria, apresenta um amplo espírito colaborativo.

Neste sentido, observa-se que a diversidade trazida nas vidas pessoais dos personagens principais de *Sense8* é solo fértil para identificação e empatia de espectadores que cresceram marcados pelas dinâmicas e características da dita Geração Y, a qual se destaca na busca por pertencimento, bem como na luta pelas minorias e pelas questões ambientais. Com seus temas e imagens, então, *Sense8* chama à inovação e à aceitação da diferença, bem como à retomada do sentimento de grupo, de unidade, o qual se vê tão fragilizado na sociedade atual.

2 OBJETIVO

Diante o exposto, portanto, o objetivo da análise é observar em que se baseiam as relações interpessoais contemporâneas, no que se refere a configurações familiares e redes afetivas e de apoio. Para tanto, escolheu-se para análise a personagem Nomi, uma das oito personagens principais de Sense8. Utiliza-se esta série, então, como produção cultural que fala dos impactos e transformações do mundo contemporâneo na totalidade psíquica dos seres humanos, bem como nas relações que travam entre si. Tem-se, ainda, como objetivo específico, a análise de uma possível necessidade de travar relações mais horizontais e simétricas com os demais indivíduos. Isto, por sua vez, implica em uma análise da transformação na configuração da família tradicional, tendo em vista a relevância das relações familiares no desenvolvimento das relações sociais e interpessoais dos indivíduos no decorrer de sua vida.

3 AS RELAÇÕES HUMANAS NA PÓS-MODERNIDADE

3.1 As relações interpessoais

Como exposto, é fundamental analisar como as transformações sociais e históricas interferem na vida psíquica do indivíduo pós-moderno, a fim de compreendê-lo. Este indivíduo é contemporâneo a um sistema capitalista, o qual traz consideráveis modificações aos diversos âmbitos de sua vida, inclusive às relações interpessoais.

Estas se caracterizam, como aponta Garcia (2013), como todo e qualquer encontro entre duas pessoas, com recortes peculiares de determinada sociedade e cultura. As relações interpessoais incluem tanto relações as próximas/íntimas (relações amorosas, sexuais, familiares e de amizade), quanto aquelas fracas/temporárias (Garcia, 2013). Ainda de acordo com este autor, o levantamento de estudos acerca das relações interpessoais mostra extensa gama de pesquisas neste tema em Psicologia e Ciências Sociais, principalmente no tocante às relações íntimas.

Neste sentido, Bauman (2004) defende que o capitalismo em seu estágio atual, dito flexível, coloca na mesa uma realidade de fluidez, fragilidade e transitoriedade, não apenas nas relações profissionais, mas também em toda construção de laços sociais. Observa que os indivíduos passam a desenvolver-se em meio a perspectivas de vida que se constroem como projetos efêmeros e incertos.

Segundo Bauman (2004), “o mundo de hoje parece estar conspirando contra a confiança” (p.53). Retomando Logstrup, o autor pontua que a confiança é a expressão soberana da vida, dando-se, portanto, de maneira espontânea e natural. Logstrup (1997 apud Bauman, 2004) coloca a moralidade nas relações humanas como fundada na espontânea tendência à confiança nos outros, tendência esta que, portanto, prescinde de reflexão e da necessidade de lucro ou conforto.

“A compaixão é espontânea porque a menor interrupção, a menor maquinação, a menor diluição para que sirva a algum outro propósito provocam sua destruição total – na verdade, transformam-na em seu oposto, a desumanidade.” (Logstrup, 2002, apud Bauman, 2004, p.53).

Numa realidade de incertezas e flexibilidade, esta confiança perambula sem rumo, em busca de um lugar onde possa repousar. As experiências diárias e suas

narrativas na contemporaneidade tornam artificial a imagem de um mundo confiante e fiel (Bauman, 2004). Em meio a vínculos sociais que se estabelecem com base na competitividade e na busca por lucro pessoal, o outro se torna fonte de desconfiança e descrença, mais um jogador a quem se deve ultrapassar na dinâmica social.

A dinâmica da flexibilidade, portanto, aponta Bauman (2004), coloca a confiança, a compaixão e a clemência como fatores suicidas, que se deve evitar a qualquer custo, prezando-se, ao contrário, por rigidez e dureza. Impera, assim, a vigilância, e confiar no estranho é, então, suicidar-se. As relações, para este autor, configuram-se como trocas atentas e premeditadas de interesses, banhadas pela volatilidade de desejos em constante mutação, mediante inovações e possibilidades diversas e imprevisíveis. Comprometer-se com pessoas, principalmente de maneira incondicional, tornou-se, assim, uma armadilha a se evitar a qualquer custo (Bauman, 2004). Melhor, então, parcerias frouxas e frágeis, em meio a uma realidade incerta e em mutação constante.

Esta realidade de incerteza se intensifica, ainda, com o abismo entre o que se torna consciente de maneira indireta e o que realmente se pode diretamente experimentar (Bauman, 2004). Isto, pois as expressões soberanas da vida – expressões de moralidade e, portanto, confiança – são suscitadas por objetos que estão muito além das imediações dos indivíduos. O acesso à informação à distância dá ao ser humano, nos dias atuais, uma vasta possibilidade de conhecimento mediado. Tal conhecimento, no entanto, amplia incertezas e inseguranças, uma vez que, como colocou Bauman, apesar do amplo acesso à televisão (nos dias mais atuais, à internet), poucos têm acesso aos fatos como realmente ocorrem.

Diante as ideias de Bauman, então, se fazem leituras mais recentes acerca das relações interpessoais na contemporaneidade, como a de Garcia (2013), que por fim considera um desafio contemporâneo o desenvolvimento de uma ciência dos relacionamentos interpessoais, a qual abarque sua real complexidade. Propõe-se, também, através de outras leituras, como a de Carvalho e Silva (2014), a necessidade da construção de laços densos e duradouros, classificando, no caso destes autores, a consequência das dinâmicas sociais postuladas por Bauman como “empobrecimento afetivo-relacional” (p.10).

Visando discutir as relações de amizade – tipo característico das relações íntimas de Garcia (2013) – Carvalho e Silva (2014) pontuam que o novo parâmetro

ético trazido pela forma virtual de vínculos diminui a responsabilidade pelo outro, cria uma maior dificuldade de se estabelecer de fato vínculos. Retomam, neste sentido, as ideias de Bauman (2004) de uma realidade na qual o fechamento em si mesmo e a fuga do que é diferente e contraditório amplificam as fragilidades relacionais. O fazem para ressaltar o dilema que se cria neste dinamismo episódico da sociedade: “por um lado, precisamos do outro como o ar que respiramos, ao mesmo tempo, vive-se o medo de relacionamentos mais profundos que possam imobilizar as escolhas” (Carvalho e Silva, 2014, pp.14-15).

Têm-se, portanto, que as dinâmicas voláteis e efêmeras de se relacionar com o outro na sociedade contemporânea, bem como a necessidade do desenvolvimento da individualidade e do alcance dos desejos pessoais, colocam as relações interpessoais íntimas como fatores de insegurança para o indivíduo. Diante esta realidade, Silva (2012) aponta para a uma necessidade de laços que se construam baseados em maior confiança e durabilidade. Retoma, então, os “laços densos” de Bauman (2004). Seria a construção de laços assim uma das saídas para tal condição de insegurança e fragilidade nas relações. Propõe-se como saída, neste sentido, dirigir os relacionamentos para um modelo diferenciado de laços que retornam às trocas simbólicas e se constroem a longo prazo; laços contemplados principalmente pela amizade e pelo companheirismo profundo, nos quais “reconhecer o Outro enquanto Diferença, ao mesmo tempo, o toma como ser livre” (Silva, 2012, p. 150), preservando as conquistas na luta pela individualidade e a aceitação da diferença.

3.2 Família na pós-modernidade

Diante este cenário de relações voláteis e a maior relevância dos desejos e anseios individuais, bem como suas implicações, como então fica a família na pós-modernidade?

A família tradicional nuclear burguesa, historicamente construída a partir do século XVIII, se baseia na hierarquia e na obediência de uma autoridade masculina e patriarcal. Aparece como um compromisso que revela “expectativa de dar e receber afeto (...) dentro de uma ordem e hierarquia estabelecida num contexto patriarcal de autoridade máxima que deve ser obedecida, a partir do modelo pai-mãe-filhos estável.” (Gomes, 1988 apud Szymanski, 1995, p.25).

Dadas as formulações pós-modernas e os novos moldes das relações

interpessoais, torna-se indispensável pensar nas transformações que inevitavelmente se sucedem nesta configuração, as quais se apresentam de forma cada vez mais complexa e questionam o modelo tradicional, pois, como diz Sarti (1995):

“A família não é uma totalidade homogênea, mas um universo de relações diferenciadas, e as mudanças atingem de modo diverso cada uma destas relações e cada uma das partes da relação.” (Sarti, 1995, p.39).

Neste sentido, como apontam Wagner e Levandowski (2008), deve haver o direcionamento do olhar analítico para o rompimento com o modelo nuclear burguês. O que significa dizer que a crise ocorre neste modelo, e não necessariamente na família enquanto instituição que se constitui como “espaço privilegiado no qual se encontram as diretrizes mais importantes para orientar-se na vida.” (Wagner e Levandowski, 2008, p.91). O modelo tradicional nuclear burguês, como afirma Szymanski (1995), muito aparece nas teorias e práticas de atendimento familiar, bem como nas próprias representações familiares, como correspondente único da instituição familiar. Isto não se observa fato e, portanto, a tendência da clínica familiar deve se dirigir ao distanciamento da proposta rígida e das prescrições preestabelecidas deste modelo de família, compreendendo-a em seu sentido ampliado.

A quebra dos padrões tradicionais, no entanto, não ocorre de forma brusca e ideal, num primeiro momento, o que também requer atenção. A pluralidade de possibilidades e a existência de muitos moldes e modelos, realidade própria do capitalismo pós-moderno, criam, sem dúvidas, como afirmam Wagner e Levandowski (2008), uma abertura à diversidade e uma necessidade de aceitar e conviver com a diferença também na família. Este, no entanto, é um processo longo, em meio ao qual se corre o risco de caracterizar as novas configurações como disfuncionais ou deturpadas – bem como, de fato, encontrar agrupamentos que buscam manter-se familiares, mas que trazem em sua configuração uma disfunção e deturpação da reciprocidade em prol da individualidade.

Neste sentido, Wagner e Levandowski (2008) ressaltam ainda a necessidade de reflexão sobre as novas configurações, levantando o questionamento da possibilidade de não serem elas “reproduções camufladas de arranjos tradicionais com uma roupagem discursiva pós-moderna” (p. 94). Uma vez que é a consistência

ideológica e emocional da família o agente mais potente de socialização do indivíduo, e que, portanto, mais importante do que a estrutura familiar, é sua capacidade potencial de dar ao sujeito a possibilidade de viver relações interpessoais de verdadeira intimidade (Wagner e Levandowski, 2008), deve-se voltar o olhar para as configurações familiares no sentido de compreender como desempenham, ou não, este papel.

A afirmação de Szymanski (1995) se faz, assim, ainda bastante atual:

“O mundo familiar mostra-se numa vibrante variedade de formas de organização, com crenças, valores e práticas desenvolvidas na busca de soluções para as vicissitudes que a vida vai trazendo. Desconsiderar isso é ter a vã pretensão de colocar essa multiplicidade de manifestações sob a camisa-de-força de uma única forma de emocionar, interpretar, comunicar.” (Szymanski, 1995, p.27).

Faz-se necessário, portanto, pensar o espaço familiar. Numa realidade pós-moderna na qual é crescente o espaço social para desenvolvimento da dimensão individual, observa-se de fato uma quebra do princípio de hierarquia em que se baseia a autoridade da família tradicional (Sarti, 1995). Neste sentido, os papéis e obrigações familiares não mais se dão de forma predeterminada, mas mediante constantes negociações. Uma vez que a família é formada a partir da escolha direta e afetiva do par conjugal, ganham espaço as decisões conjuntas e o trato igualitário, não apenas entre o par conjugal, mas também entre pais e filhos (Hironaka, 2006). Assim, o desafio contemporâneo da família seria, como coloca Sarti (1995), compatibilizar individualidade e reciprocidade na família.

Diante o exposto, então, se faz necessário voltar o olhar para a possibilidade de que a família permaneça como rede de apoio e grupo de relações interpessoais íntimas, o que se afirma à medida que o conceito de família se amplia diante às transformações do mundo contemporâneo. Há, sim, como dito, uma falência da eficiência do modelo tradicional burguês como único, uma vez que em meio a uma realidade na qual “o horizonte intersubjetivo se encontra esvaziado e desinvestido das trocas inter-humanas” (Birman, 1994, p.24 apud Lino, 2009, p.4), tornam-se realmente frágeis os laços criados de forma hierárquica e patriarcal. Surge, então, a necessidade do estabelecimento de arranjos que se organizem a partir da função dos papéis individuais e das relações de afeto (Meireles e Texeira, 2014), o que necessariamente implica na transformação do modelo familiar tradicional.

Sendo assim, Meireles e Texeira (2014) caracterizam a família contemporânea como heterogênea, plural e mutante, constituída mediante um processo dinâmico e plástico, o qual origina múltiplos arranjos familiares. Estes arranjos refletem e são refletidos pelas dinâmicas socioculturais, políticas e econômicas da sociedade em que se inserem. A intensificação do processo de globalização capitalista, portanto, se faz observar largamente na constituição da família, inserindo nesta “célula máter da sociedade” (Meireles e Texeira, 2014, p.40) a diversidade de relações que traz em seu centro. Convém falar, então, segundo as autoras, em “famílias”, uma vez que a reflexão acerca do tema pressupõe a inserção dos modelos familiares no processo de reprodução do cotidiano da vida social.

Neste sentido, a concepção atual de família (ou “famílias”) não fala necessariamente do agrupamento nuclear burguês, mas se amplia de forma a incluir os diferentes arranjos que passam a coexistir com as configurações mais tradicionais que ainda se encontram numa dada sociedade. Ainda para Meireles e Texeira (2014), o ponto comum entre as diferentes configurações está na importância da instituição familiar como espaço não só de produção de subjetividades, cuidado e redistribuição interna de recursos, mas também como substrato da identidade social. A família se configura, então, como “identidade de ser social e constitui o parâmetro simbólico que estrutura sua explicação do mundo” (Meireles e Texeira, 2014, p.39), configurando-se, portanto, como estrutura de suma importância, em meio à fragilidade dos laços contemporâneos.

À família tradicional nuclear burguesa cabe a revisitação aos padrões antes pré-estabelecidos, no sentido de transformar-se junto à sociedade, para manutenção de seu caráter fundante de identidade social, bem como de rede de apoio e acolhimento. As transformações pós-modernas chamam a família, como aponta Sarti (1995), a uma autonomia que remeta tanto à definição dos limites pessoais, como ao cuidado com limites do outro. É de importante realce que o que se coloca em questão com o espaço pós-moderno à individualidade não é a autoridade em si, mas sim a forma hierárquica que funda esta autoridade nos modelos tradicionais, transformando-a em autoritarismo (Sarti, 1995). O que se faz necessário é, sim, a autoridade baseada no respeito mútuo.

Diante a refutação destas transformações, observa-se, ainda, a possibilidade da experimentação e construção destas características em outros grupos e

instituições sociais que se baseiem no afeto e na identificação, bem como na aceitação da diferença. Tais características aparecem como centrais nas relações fraternas de irmandade, amizade e coleguismo, relações que se constroem no espaço simétrico e horizontal, de importância tão grande quanto aquela que se encontra nas relações familiares com caráter mais vertical, porém asseguradas pela autonomia proposta por Sarti (1995).

O olhar às relações interpessoais de simetria, então, se faz de grande relevância, como mostra Souza (2010), numa sociedade em que as relações hierárquicas encontram-se cada vez mais enfraquecidas tanto no âmbito privado, quanto no público. No entendimento da Psicologia Analítica, é através do arquétipo fraterno (Fratria) que se dá a possibilidade do estabelecimento de relações simétricas. A experiência com relações deste tipo – e, portanto, com a alteridade – se inicia, como postula Barcellos (2009), através da experiência com o irmão. Diante a verticalidade e a hierarquia que constituem as relações paternas e maternas, é a imagem do irmão, consanguíneo ou não, que traz horizontalidade às vivências das relações do indivíduo com o mundo. O irmão aparece como Outro semelhante que, no entanto, é diferente e carrega subjetividade peculiar, dando início à experiência da alteridade (Barcellos, 2009).

4 AS RELAÇÕES HUMANAS ÍNTIMAS

Falar em relações interpessoais próximas, iniciadas nas vivências da família e reproduzidas e atualizadas nas relações fraternas, é, então, falar em relações íntimas.

Segundo Sennett (2002) “Intimidade conota calor, confiança e expressão aberta de sentimentos” (p. 17). A partir desta noção de intimidade, Sennett faz uma retomada dos impactos induzidos pelas transformações dos modelos econômicos, em especial do capitalismo, nas formas de relacionamento dos indivíduos. Segundo este autor, os indivíduos vivem um paradoxo do isolamento em meio à visibilidade.

Fazendo uma análise da vivência das esferas pública e privada no mundo moderno, Sennett discute que a realidade de imersão em si mesmo dos indivíduos dificulta profundamente explicações acerca das próprias personalidades, seja para si, seja para o outro. O movimento de interioridade, como preocupação única e exclusiva consigo mesmo e com sua história de vida faz com que ocorra certa fusão das fronteiras entre vida pública e vida privada. Nesta dinâmica, a vida social não se mostra capaz de promover as recompensas psicológicas que se busca em relações de intimidade, o que torna o mundo exterior vazio e decepcionante (Sennett, 2002) e, portanto, dá às relações familiares e/ou fraternas especial importância.

Numa realidade na qual se observa um pensamento mercadológico sobre os diversos âmbitos da vida, a cultura de consumo cria indivíduos que são consumidores dos e consumidos pelos meios de comunicação em massa (Paladino, 2005). Na sociedade contemporânea, nesta lógica, as relações íntimas passam a se caracterizar como relações de troca mercantil. Ao colocar o narcisismo como padrão seguido por este tipo de troca, Sennett (2002) caracterizou tal padrão como “uma obsessão com aquilo que esta pessoa, este acontecimento significam para mim”.

Neste sentido, abre-se espaço a um paralelo com as reflexões sobre o verdadeiro relacionamento humano, iniciadas com Buber (1922, apud Jacoby, 2011). Importante ressaltar, antes de prosseguir, que falar em relacionamentos humanos, seguindo a perspectiva da Psicologia Analítica, é também falar em projeção.

Para a psicologia de Jung, a psique é estruturada a partir de pares de opostos, os quais são hierarquizados no desenvolvimento da consciência. Entende-se, assim, que as atitudes e os conteúdos divergentes daqueles escolhidos pela

consciência em prol da adaptação externa, tornam-se inconscientes, originando o chamado inconsciente pessoal.

Os conteúdos inconscientes, desconhecidos da consciência, aparecem projetados e simbolizados, e só assim podem ser percebidos pela psique consciente (Jung, 2012). A projeção é, segundo Jung (2013b), “um mecanismo psicológico geral que carrega conteúdos subjetivos de toda espécie sobre o objeto” (p.154), dando-se de maneira inconsciente. É um processo inconsciente, através do qual o indivíduo se livra de conteúdos penosos e incompatíveis, mas não apenas. Podem ser também projetados valores positivos. O cerne da projeção é a transferência de conteúdos que, por algum motivo, são inacessíveis ao indivíduo (Jung, 2013e).

No que se refere às relações íntimas, Jung (2013a) observa serem as projeções desfavoráveis – dos conteúdos penosos e incompatíveis – menos incidentes. Diz, ainda, que no desenvolvimento normal, é comum não se sentir a necessidade de tornar conscientes as projeções, ressaltando o caráter “perigosamente ilusório” (p.224) deste fato. Ainda que mediante a ressalva de que as projeções guardam uma relação com a percepção, no sentido de haver no outro, em maior ou menor nível, um gancho para que determinados conteúdos sejam nele projetados (Jung, 2015), faz-se importante reconhecer a dinâmica ilusória deste mecanismo psíquico. O reconhecimento das projeções é a integração daquilo que faz parte e fala do si mesmo.

A projeção, no entanto, não é um estado existente à priori, nem se pode controlar (Jung, 2013b). É um ato que se apresenta à consciência, vindo do inconsciente e ocorrendo em todas as relações. Para Jung (2013b), a transferência de conteúdos inconscientes tem uma ocorrência natural e pode se dar em todos os relacionamentos humanos, intensificada pela carga emocional e provinda tanto do inconsciente pessoal quanto do inconsciente coletivo – podendo referir-se, assim, também a conteúdos arquetípicos. Diante tal convicção, Jung se debruçou não apenas na causa da transferência, como o fez Freud, mas também buscou compreender sua finalidade. Deste modo, fica postulada a transferência na Psicologia Analítica, fazendo-se possível, então, falar deste mecanismo natural da psique em paralelo com qualquer configuração de relacionamento humano.

Apropriado disto, Jacoby (2011) se propõe a discutir a situação de análise. Ao debruçar-se sobre este tema, o autor faz reflexões acerca das relações

interpessoais, questionando a essência do verdadeiro relacionamento humano. Para tanto, faz uma leitura dos termos cunhados por Martin Buber, “Eu-Isso” e “Eu-Você”.

Partindo-se do pressuposto de que o processo de individuação – crescimento psíquico em direção à realização da unicidade do indivíduo; realização do destino mediante força suprapessoal, autorrealização (von Franz, 2008) – é um processo que se dá na relação com o mundo e com o outro, Jacoby (2011) defende que qualquer relacionamento a princípio parte da premissa da projeção e, portanto, de uma esfera “Eu-Isso” na qual o outro se faz objeto necessário ao preenchimento de necessidades do Eu. No entanto, seria este apenas metade do caminho, ao passo de que o reconhecimento daquilo que se projeta no outro, mas que na verdade fala do Eu, se consuma extremamente necessário ao equilíbrio interno e, assim ao caminho da individuação. “Para me relacionar com a alteridade de Você, tenho de saber quem Eu sou” (Jacoby, 2011, p.92). Neste sentido, a expressão aberta de sentimentos que caracteriza a intimidade para Sennett, a qual fala precisamente do reconhecimento da alteridade, só se torna possível à medida que relacionamentos Eu-Você são estabelecidos.

Ainda segundo Jacoby, Buber propõe estes dois termos como atitudes primárias com as quais o homem toma decisões com relação ao mundo. A atitude Eu-Você seria aquela que precisamente revelaria uma relação com a alteridade do outro, “significaria que Eu, na minha própria totalidade, estarei me relacionando com Você, na sua própria totalidade” (Jacoby, 2011, p.91). Seria, portanto, uma relação em que projeções estão retiradas do outro, havendo então o reconhecimento do que pertence a cada um. Por sua vez, a atitude Eu-Isso revelaria uma relação aonde o mundo e os companheiros de um indivíduo são encarados como meros objetos os quais estariam mergulhados nas projeções deste indivíduo e a serviço de sua satisfação – remetendo, portanto, àquela definição dada por Sennett ao narcisismo, visto como obsessão com o que algo ou alguém significam para o indivíduo e tomado como padrão de troca que rege as relações contemporâneas.

“Existe frustração em qualquer relacionamento próximo, e a habilidade tanto de tolerá-la e, ao mesmo tempo, causá-la sem muito sentimento de culpa pertence à pessoa psicologicamente madura. (...) O sofrimento pode ser frutífero no descobrir dos conteúdos internos de cada um. Essa descoberta pode nos enriquecer e fornecer os recursos internos necessários para evitar identificação com as necessidades que queremos que sejam satisfeitas pelo parceiro; podemos então permitir que o parceiro exista em seu

próprio direito e, também, defender nossa integridade pessoal das demandas inconscientes do outro.” (Jacoby, 2011, p.102-103).

Diante o exposto até aqui, infere-se que a experiência com a alteridade é desafiadora, e que o desenvolvimento saudável da personalidade – e, portanto, da individuação – pressupõe a diferenciação do Eu com relação ao outro, que se apresenta como semelhante. São as relações interpessoais que oferecem ao indivíduo a possibilidade de conhecer seus próprios limites e possibilidades (Souza, 2010). Pensando a importância das relações interpessoais, Barcellos (2009) aponta ao fato de que os grandes nomes precursores da Psicologia focalizaram suas teorias, inicialmente, na constituição da psique a partir de relações hierárquicas entre pai/mãe e filhos. Neste sentido, o autor ressalta a necessidade de se voltar o olhar às relações simétricas, deixadas a um segundo plano nas teorias de Freud e Jung e tão relevantes na experiência com a alteridade.

Partindo, então, de uma forma simétrica de construção das relações interpessoais, e do pressuposto de relevância do arquétipo fraterno no processo de individuação, Barcellos (2009) ressalta a necessidade de um movimento de atenção à vivência das relações fraternas. Esta vivência traz a diversidade na experiência de relação com aquele que é semelhante na diferença. Tais relações, segundo Barcellos, são deixadas em segundo plano por leituras do indivíduo que tendem a prender-se ao maternalismo e ao paternalismo, sendo necessário atentar, também, à diversidade das relações de simétricas e sua função na individuação. Para tanto, coloca-se em relevo a imagem do irmão como o paradigma da horizontalidade, e propondo ser este um novo paradigma a ser seguido pela Psicologia.

A iniciativa de Barcellos de diversificação no olhar vicioso às relações verticais da autoridade paterna propõe entrar mais profundamente no campo da Fratria, o “campo politeísta das relações horizontais que permite nossa livre circulação entre singularidades éticas válidas, singularidades que fundam a própria ideia junguiana de individuação – a saber, a diferenciação” (Barcellos, 2009, p.16). Através de uma relação de intensas e imediatas vivências de intimidade e distância, igual e diferente, se torna possível vivenciar a experiência da alteridade.

Para Barcellos (2009), fraternidade “aponta, nos limites, tanto para a aceitação radical da diferença, quanto para o rechaço paranóico do outro” (p.19). Neste sentido, então, a vivência deste arquétipo tem forte impacto na individuação, adquirindo caráter estruturante ou desestruturante, a partir de atualizações de

experiências afetivas que revelam uma dualidade a qual é, ela mesma, fundante da própria condição de ser humano – em constante busca pelo equilíbrio de opostos que vivem dentro de si mesmo. A experiência da Fratria, portanto, influencia a forma como o indivíduo irá construir suas relações com amigos e companheiros, exercendo assim influência sobre o processo de integração da dualidade que habita ele mesmo.

Dadas as transformações nos padrões dos relacionamentos diante os adventos da pós-modernidade, a qual evidencia cada vez mais a falência dos modelos paternalistas, autoritários e hierárquicos (Souza, 2010), a reflexão de Barcellos se faz ainda mais relevante. Como aponta Pereira (2009), o advento da pós-modernidade trouxe às relações interpessoais afetivas um frescor de liberdade que é acompanhado por uma sombra de insegurança e desamparo. Em meio a um capitalismo dito flexível, no qual se observa uma dinâmica econômica que preza por curtos prazos, re-projeções constantes, rotinas e horários não rígidos, e organizações pouco burocráticas e flexíveis, se observa uma transformação também nas demais instâncias da vida dos indivíduos.

Esta realidade, que traz consigo uma nova dimensão de tempo na qual não se pode realizar grandes projeções e planos para o futuro, imputa ao homem pós-moderno constante insegurança e incerteza. Isto se reverbera nas relações para além do trabalho, como coloca Sennett (1999 apud Siqueira, 2002) ao dizer que o indivíduo perde, em meio a esta realidade flexível, o senso de comunidade, travando relações que se baseiam na brevidade, na pressa e na inconsistência, tão bem expressas pelas comunicações eletrônicas. Em meio às transformações na família, que ganha novas conformações e possibilidades, e às relações amorosas voláteis e imprevisíveis, os relacionamentos simétricos de amizade ganham valor ainda maior como apoio para as grandes crises da vida do indivíduo (Souza, 2010).

Sendo assim, se pode observar uma transformação nas dinâmicas relacionais das sociedades pós-modernas que seguem o capitalismo flexível, mudança essa que leva as relações de um modelo hierárquico e rígido a um modelo flexível e que se pretende mais horizontal. Aqui é preciso, ainda, a ressalva de que as relações econômicas que se pretendem horizontais e colocam empregados e empregadores como antagonistas acabam por criar uma nova forma de relação de poder, na qual este se dá de forma velada e mediante sequestro subjetivo dos trabalhadores aos

quais o tabu do fracasso ameaça constantemente. Ainda assim, as relações de fato se pretendem mais horizontais e flexíveis, o que faz as considerações de Barcellos (2009) acerca da Fratria ainda mais relevantes para a Psicologia, que deve se ocupar de compreender como se dá a construção das relações simétricas na psique humana.

No que concerne aos arquétipos constelados nas relações contemporâneas, vale ainda pontuar as reflexões de Pereira (2009). Esta autora coloca a realidade do indivíduo pós-moderno como de prolongada deriva e produtora de vínculos e relacionamentos efêmeros e frágeis, afirmando ainda ser esta uma dinâmica relacional que é imagem de uma configuração do arquétipo do puer-senex com inflação patológica na polaridade puer. Para Pereira, tal estado de deriva produz vínculos afetivos frágeis e efêmeros, somados a um crescente sentimento de insegurança, características que revelam um congelamento na imagem de instabilidade e volatilidade do pólo puer do arquétipo do velho-sábio.

Diante o exposto, portanto, é possível afirmar que as novas dinâmicas relacionais estabelecidas com influência do momento histórico e cultural contemporâneo pedem e abrem espaço a reflexões acerca dos mecanismos psíquicos que lhes são subjacentes. Sob a óptica da Psicologia Analítica, sendo assim, é necessário se pensar nos arquétipos constelados a partir de tais dinâmicas e (re) vividos diante as mesmas de maneira dialética.

5 AS PRODUÇÕES SERIADAS

O avanço tecnológico gerado na atualidade proporciona a um grande número de indivíduos largo acesso não apenas a informações factuais, mas também às produções de entretenimento dos meios de comunicação, principalmente via internet e televisão. Numa dinâmica flexível, na qual a rapidez e a volatilidade se fazem características predominantes, o consumo de produções seriadas se reproduz amplamente no cotidiano capitalista.

Sem aparente requerimento de reflexões profundas, em sua maioria, observa-se que as produções seriadas se encaixam no que se convencionou chamar cultura de massa. Com uma produção em larga escala e sem grandes denominadores comuns, como aponta Bacon-Smith (2002 apud Oliveira, 2007), se pretende, nesta cultura dita popular, atingir e atender expectativas genéricas e apreender o maior número de potenciais espectadores.

Apesar desta aparente superficialidade, no entanto, como ressalta Oliveira (2007), as ciências que se debruçam sobre a análise dos materiais de cultura de massa buscam crivos bem determinados para fazê-lo, relevando as questões de qualidade e ressaltando a capacidade destes materiais na produção de significado. Assim, ainda segundo Oliveira, para a Psicologia Analítica, a análise das produções cinematográficas se faz relevante de acordo com a intensidade com a qual mobiliza as emoções de seus espectadores.

Como aponta Jung (2012), as produções culturais podem estar e de fato tantas vezes estão imbuídas de imagens arquetípicas referentes aos complexos ativados em determinada cultura e em determinado tempo histórico. Sendo assim, uma vez que mobilizem emoções em grande número de espectadores, tais produções ultrapassam o nível de consciência disponível no seu tempo histórico e adentram o terreno inconsciente. Alçam, portanto, uma maior proximidade da totalidade psíquica do indivíduo que lhe é contemporâneo.

Neste sentido, na contemporaneidade, observa-se solo fértil de análise nas produções seriadas, cujo acompanhamento se apresenta como parte corriqueira da rotina dos indivíduos, que se envolvem, se emocionam e se identificam com as imagens reproduzidas.

Estas imagens, segundo Ribeiro (2016), produzem um fascínio no

espectador, uma vez que se utilizam de uma linguagem mítica e arquetípica – adaptada às vicissitudes do tempo histórico em que são produzidas – para falar da vida cotidiana. Retratam, assim, cada vez mais intensamente, a complexidade e contradição da condição de ser humano, focando portanto na dimensão emocional de seus personagens e heróis.

A produção de séries tem como foco, nesta óptica e ainda segundo esta autora, criar personagens e enredos que criem intensa empatia com o espectador, proporcionando assim um processo de identificação com as tramas. Segundo Maffesoli (2008 apud Ribeiro, 2016), encontra-se na ficção um valor adicional à vida cotidiana, o que permite ao espectador se afastar da melancolia e do tédio proporcionados pelos constrangimentos sociais do dia a dia.

Num cenário em que os indivíduos se encontram imersos numa dinâmica social de relacionamentos frágeis e muitas vezes mediados por artefatos tecnológicos, portanto, o envolvimento com as produções seriadas aparece não apenas como fonte de identificação, mas também como forma de relacionar-se. Para Ribeiro, as séries se configuram como lugar seguro àqueles que acreditam ser iguais, por viverem, ainda que em diferentes espaços, as mesmas experiências e valores assistidos nas tramas das séries. “Sempre em contato com uma multidão invisível. Somos fãs conectados a outros fãs” (Gitlin, 2001 apud Ribeiro, 2016, p.76).

Neste sentido, e em meio a uma sociedade que se caracteriza pelo consumo e é assim envolvida numa dinâmica de relações voláteis, o avanço tecnológico e da Internet permite que hoje a maior fonte do consumo de séries se dê pela rede de streaming Netflix. Desde 2007, a empresa disponibiliza filmes e séries online, tendo crescido nos últimos anos em termos de amplitude de mercado, qualidade e produção de séries (Ribeiro, 2016).

As produções de ficção seriada, como apontam Mello, Longo e Fortim (2016), não são um fenômeno recente, remontando à década de 60. No entanto, com o advento da Netflix, não só a variedade deste tipo de produção, como também o alcance das mesmas tomou enormes proporções de alcance mundial. Tais produções não apenas obtêm seu sucesso devido à crescente qualidade que lhes é característica, mas também devido aos processos que suscitam de projeção e identificação com os personagens (Lima, 2013 apud Mello, Longo e Fortim, 2016).

Diante o exposto, então, faz-se de grande relevância a análise das produções seriadas, bem como dos seus impactos sobre o indivíduo contemporâneo. Entendendo as produções seriadas como estruturas narrativas da contemporaneidade, a Psicologia Analítica se debruça sobre as mesmas no sentido de analisar a reprodução arquetípica que lhes subjaz e, portanto, seu caráter coletivo. Tal análise proporciona, assim, uma ampliação no entendimento do desenvolvimento psíquico deste indivíduo pós-moderno que se vê em meio a uma dinâmica de cada vez mais volatilidade (Cavalheiro, 2016).

As produções seriadas assumem, segundo Cavalheiro (2016), o papel social da narrativa mitológica no desenvolvimento humano. O autor pontua que dada a evolução das sociedades, o mito perdeu sua força enquanto promotor de suporte emocional e equilíbrio psíquico, diante o corte contemporâneo do vínculo com o sagrado. Entendendo que a mitologia é mais uma forma de expressão simbólica dos arquétipos, a Psicologia Analítica reconhece um impulso humano de viver a mitologia, impulso este que se revela mesmo diante o referido corte. Neste sentido, a falta do sagrado, nesta dinâmica sociocultural, proporciona uma sensação de falta de sentido e vazio, uma vez que de acordo com Campbell (1997 apud Cavalheiro, 2016), o mito sintoniza o indivíduo com sua existência.

Levando em conta, então, que as histórias mitológicas repetem seus temas e que o que as distingue em suas formas é o modelo narrativo que chega ao ouvinte e espectador em determinado tempo e espaço, os analistas junguianos se debruçam sobre as produções seriadas compreendendo-as como narrativas mitológicas. Os seriados, com seus elementos já conhecidos pelo espectador e com seu discurso aparentemente banal, têm, na realidade, um caráter mitológico que promove identificação com a totalidade da narrativa, uma vez que traz elementos fundamentais da construção de identidade dos indivíduos (Cavalheiro, 2016).

Compreende-se, portanto, que as produções seriadas desempenham importante papel social na contemporaneidade. Este papel é compreendido pela Psicologia Analítica como reproduzidor das imagens arquetípicas dos mitos, entendendo que, como aponta Henderson (2008), as ideias simbólicas e míticas podem “ocorrer na mente inconsciente do homem moderno (e pós-moderno) da mesma maneira que nos rituais das sociedades do passado” (p.140).

6 RESUMO DA SÉRIE

Sense8 é uma série norte-americana de ficção dramática, com segunda temporada lançada em maio de 2017 e produção cancelada no mês seguinte. O cancelamento da série se justificou, segundo a plataforma Netflix, pelas altas despesas para que as gravações pudessem ser feitas, uma vez que a série conta com um mínimo de 8 cidades diferentes como cenário de cada temporada. Sem a possibilidade de dados acurados, tendo em vista a publicação deste trabalho acontecer no mesmo mês do cancelamento da série, cabe ressaltar que a resposta do público tem se mostrado negativa e contrária a tal decisão. Para os fins desta análise, no entanto, tal medida não traz prejuízos.

A série centra-se na vida de oito personagens. Estes nasceram exatamente no mesmo dia e hora, e inicialmente não possuem conexão alguma. Porém, por um motivo misterioso, passam a partilhar suas consciências, a partir do momento em que (re) nascem *sensates*, fato retratado logo no início da série, a qual traz, em suas primeiras cenas, os oito personagens tendo a visão da morte de uma mulher.

A primeira temporada desta série, objeto de estudo do presente trabalho, se constrói, então, diante o surgimento deste novo grupo de indivíduos ditos “*sensates*”. Eles passam a se conectar sendo capazes de partilhar pensamentos, sensações e sentimentos. Além de lidar com as implicações subjetivas ao renascerem como parte desta nova configuração humana, os personagens passam a lidar também com a perseguição de uma organização que pretende transformá-los a seu favor. Esta organização é liderada por um indivíduo dito Sussurros, também *sensate* e cujo cluster – grupo de *sensates* com o qual se pode comunicar – é formado pelo personagem Jonas, que luta contra o trabalho de Sussurros em tal organização.

Introduzindo, assim, este novo modo de ser humano que se propõe, com as implicações, peculiaridades e embates a serem enfrentados pelo grupo enquanto tal, a primeira temporada da série despende também grande parte de seu enredo centrando-se nas vivências pessoais de cada um dos oito *sensates*. Está aí um ponto crucial, que torna Sense8, como aponta Cardoso (2015) em sua resenha, uma série que não é para qualquer um.

Nomi é uma ativista norte-americana, transexual e homossexual, que vive em São Francisco com sua namorada Amanita; Wil é um policial norte-americano, heterossexual, que vive em Chicago; Lito é um ator mexicano, homossexual não

assumido publicamente, que vive na Cidade do México com seu namorado Hernando; Riley é uma DJ islandesa, heterossexual, que vive em Londres; Sun é uma empresária coreana, que vive em Seul e dirige a empresa de seu pai; Wolfgang é um serralheiro e arrombador profissional, heterossexual, que vive em Berlim; Kala é uma farmacêutica indiana, que mora em Mumbai com sua família e está noiva de um homem que não ama; e Capheus é um motorista de um micro-ônibus de lotação queniano, que vive em Nairobi com sua mãe.

Há ainda, o primeiro episódio da segunda temporada da série, lançado no dia 24/12/2016, como um “Especial de Natal”, tendo 1 hora e 24 minutos de duração. Este episódio dá início não apenas à configuração da vida dos *sensates* após a fuga de Riley e Wil do perseguidor Sussurros, mas também traz como foco o desenho da vida dos personagens após o conhecimento de sua nova condição. Não será, no entanto, abrangido nesta análise.

Percebe-se que ao trazer em seu enredo a vida pessoal e os dilemas de cada um desses oito personagens, a série apresenta imagens e temas claramente progressistas, abraçando e enaltecendo a diferença, o que claramente vai de encontro com os padrões e normatividades de uma sociedade tradicional. As oito personagens estão em lugares e culturas distintas, tendo orientações e vivências que englobam a diversidade dos modos de ser humano. Tal diversidade é vivida dentro do grupo de forma natural, não aparecendo como questão central na relação que estabelecem os personagens entre si. Observa-se, porém, que as relações estabelecidas com os pares imediatos nem sempre vivenciam tal naturalidade nas diferenças.

Na busca por compreender a transformação pela qual passaram, os personagens, nesta primeira temporada, travam embates em suas vidas pessoais e descobrem no cluster *sensate* uma rede de apoio significativa e eficiente. As reflexões trazidas pela série, assim, giram em torno da adequação à nova condição dos *sensates*, bem como da intimidade estabelecida inevitavelmente e aceita paulatinamente por esses indivíduos que, cada um à sua maneira e com suas peculiaridades, viviam até então imersos em uma sociedade individualista e intolerante.

A personagem Nomi foi escolhida como foco de análise deste trabalho, devido a sua relevância no enredo da série, trazendo relações intensas e profundas, tanto

em termos de compatibilidade quanto em termos de conflito. Nomi vive afastada de sua família, uma vez que esta não a aceita enquanto transexual que é. Trava uma relação extremamente conflituosa com sua mãe, e tem uma irmã, com quem não consegue manter uma relação, por conta da influência da mãe. Nascida Michael, Nomi rompe com sua família, assumindo não apenas sua identidade de gênero, mas também sua sexualidade. Passa então a chamar-se Nomi, nome que segundo a atriz Jamie Clayton vem de “know-me”, inglês para “me conhecer”. Ela vive com sua namorada, Amanita, com quem estabelece uma relação de profunda empatia e confiança, e em quem encontra apoio afetivo e emocional. Nomi tem, ainda, uma excelente relação com sua sogra.

Além disso, Nomi luta pela igualdade de direitos, escrevendo, no momento em que se passa a série, um blog sobre política e questões de gênero e sexualidade. Também trabalha como hacker para empresas de segurança.

Tendo bastante conhecimento sobre tecnologias, mais cedo em sua vida, ainda, trabalhou como hacker em prol de movimentos ativistas, os chamados “Hacktivists”. Dado o conhecimento adquirido nesta atividade, Nomi se utiliza de recursos tecnológicos para hackear informações sobre as pessoas que passam a lhe perseguir, no decorrer da série. Para tanto, conta com a ajuda de um antigo amigo, seu parceiro na época de hacker, Bug. É ele que lhe fornece os equipamentos necessários.

No que se refere a questões subjetivas, observa-se ser Nomi uma mulher que se coloca de maneira segura e forte no mundo, lutando pelos seus ideais de justiça e pela igualdade nas relações. É interessante notar, no entanto, que por trás da segurança desta face firme com que se coloca, não se deve estranhar a existência de fragilidades e inseguranças. Estas aparecem em Nomi, no geral, de forma consciente, se revelando principalmente em sua relação com Amanita, relação esta que abre espaço seguro para que Nomi exponha seus conflitos e medos.

7 MÉTODO

Com o objetivo de analisar a intimidade nas relações interpessoais do indivíduo contemporâneo, se emprega, para a análise da série *Sense8*, um enfoque metodológico qualitativo, uma vez que tal enfoque direciona uma atitude compreensiva e interpretativa dos fenômenos, atitude esta almejada pelas ciências humanas (Penna, 2014).

Sendo assim será discutida a primeira temporada, mediante a análise simbólica de cenas previamente selecionadas, nas quais há uma abordagem mais direta e clara da relevância da intimidade nas relações interpessoais para a totalidade psíquica. Nestas cenas, serão priorizadas as relações da personagem Nomi, uma das oito personagens principais, com aqueles indivíduos que lhes rodeiam cotidianamente - famílias, amigos, colegas de trabalho, parceiros amorosos, e com os demais *sensates*.

A primeira temporada da série *Sense8*, que conta com 12 episódios de aproximadamente 50 minutos cada, foi mapeada, selecionando-se, primeiramente, as cenas nas quais Nomi está presente; em seguida, as cenas em que ela interage com seus pares imediatos; e, por fim, aquelas em que a interação ocorre com os demais personagens *sensates*. Destas cenas, foram selecionadas, ainda, aquelas nas quais se reproduzem diálogos que revelam a intimidade – ou falta dela - nestas relações, cenas que trazem enfrentamento de conflitos, apoio emocional e empatia nas relações analisadas.

Deste mapeamento, seguiu-se, então, a análise das relações afetivas de Nomi com os indivíduos que se encontram em seu redor imediato - familiares, amigos, parceira amorosa. Selecionou-se, para tanto, as seguintes cenas que trazem de forma evidente e relevante a questão da intimidade nas relações interpessoais:

- Episódio 1: no primeiro episódio da série, a personagem Nomi é apresentada, trazendo cenas que mostram principalmente sua relação amorosa com Amanita. As cenas em que aparecem juntas serão analisadas.
- Episódio 2: este episódio revela não só um pouco mais da relação de confiança entre Nomi e Amanita, mas também a forma com que Nomi

enxerga o mundo e sua relação familiar. Algumas cenas, portanto, serão analisadas, a saber: cena de diálogo com Amanita, cena do texto de Nomi sobre o Orgulho Gay, na internet; e cenas de Nomi, que está hospitalizada, com a mãe e a irmã.

- Episódio 5: Serão analisadas as cenas de diálogo com Amanita, sobre como Nomi está percebendo os recentes acontecimentos em sua vida, e a cena em que se encontra com duas amigas.
- Episódio 6: entra no enredo, neste episódio, a sogra de Nomi, mãe de Amanita. As cenas analisadas serão aquelas em que a relação entre elas é apresentada ao espectador.
- Episódio 7: travando uma busca por respostas sobre o que está ocorrendo consigo mesma, Nomi conta fortemente com a ajuda e o apoio de Amanita, o que é fortemente retratado em cenas deste episódio. Além disso, entra na história Bug, amigo de Nomi, cujas cenas de interação com ela serão analisadas.
- Episódio 9: neste episódio há a primeira cena de interação entre Nomi e Lito, o qual está passando por um momento delicado e é ajudado por Nomi. As cenas desta interação serão analisadas.

Selecionados os referidos episódios e suas respectivas cenas, a análise teve como foco os diálogos travados entre as personagens nas cenas em que suas relações afetivas ficam expostas. Assim, realizou-se a análise com base nas redes afetivas e de apoio, bem como nas configurações familiares que aparecem dos relacionamentos em questão.

8 ANÁLISE

8.1 Relação amorosa

Boa parte da apresentação de Nomi ao público, nesta primeira temporada da série, é feita através de sua relação com a namorada, Amanita. A cena de estreia da personagem, no episódio 01, retrata um momento de relação sexual com Amanita, deixando clara não apenas a intimidade física entre elas, mas também a intimidade afetiva que as envolve. Desde o primeiro contato com Nomi, assim, fica claro ao espectador sua forte ligação emocional com Amanita, o que se é possível entender através do paralelo apontado por Jacoby (2011) entre a relação sexual e a necessidade humana básica de fundir-se ao outro. Esta necessidade é colocada por Jung (2013b) como participação mística (“Participation Mystique”), “uma característica da psicologia primitiva, ou seja, do plano psicológico onde não há discriminação consciente entre sujeito e objeto.” (Jung, 2013b, p.158), que provém de emoções energeticamente fortes e, em algum nível, contagiosas.

Ainda no episódio 01, as cenas de diálogo de Nomi com Amanita revelam ser esta relação um ponto de apoio e compreensão para Nomi, que se sente compreendida, aceita e protegida pela namorada. Esta, por exemplo, a defende da intimidação de uma suposta amiga, que discorda das posições de Nomi e, por isso, a ofende. Relembrando desta situação, Nomi diz à namorada: “esse foi o dia em que eu soube que iria te amar para sempre”. Fala-se, então, da necessidade de relações que se construam como relações Eu-Você (Jacoby, 2011), com suficiente discriminação entre Eu e Outro para que estes se integrem de maneira mais horizontal.

A relação de Nomi com Amanita exemplifica a construção deste tipo de relação, principalmente nas cenas em que as diferenças entre elas se fazem mais presente. No episódio 02, Nomi conversa com Amanita sobre sua atividade de hacker ativista. Amanita pontua esta atividade como “passado criminoso”, enquanto Nomi a explica seu ponto de vista e o como fazia este tipo de trabalho. É claramente um ponto de diferença entre elas, no entanto se observa presente na conversa que travam a capacidade real de dialogar e enxergar o outro em suas diferenças, acolhendo-o.

Outro exemplo do reconhecimento de semelhança no diferente, próprio de relações simétricas (Barcellos, 2009), se dá quando, no episódio 07, Nomi precisa

contatar um antigo amigo, Bug, um hacker ativista, que até então Amanita desconhecia. As duas dialogam sobre quem é Bug e porque Nomi confia nele para lhe ajudar naquele momento de sua vida. É claramente um diálogo com certa medida de tensão e conflito. Amanita questiona Nomi sobre porque nunca contou da amizade com Bug, ao que Nomi responde que “eu nunca lhe contei porque nunca pensei que teria que visitar essa parte da minha vida”. Ainda que claramente incomodada com a situação, Amanita compreende a postura e os sentimentos de Nomi, e segue com ela ao encontro de Bug.

Os momentos que trazem certa tensão entre Nomi e Amanita, bem como as resoluções que encontram, aparecem, então, como exemplos da real possibilidade de relacionamentos que se aproximem da experiência da alteridade. Ao lidar com conflitos na relação de forma a separar o incomodo que lhe é próprio das motivações e sentimentos do outro, Amanita consegue enxergar Nomi como ser humano que abarca uma individualidade distinta da sua, reconhecendo a existência da namorada para além das projeções que inevitavelmente fará nela de conteúdos seus. Experimenta, ou se aproxima, assim, uma relação com o Outro em sua totalidade.

No entanto, não só estes momentos de tensão mostram a integração do diferente na relação Eu-Você. As cenas de diálogo, apoio, afeto e compreensão entre Nomi e Amanita, no decorrer da série, também revelam uma relação que se baseia na expressão aberta de sentimentos de Sennett (2002). Há, nesta relação, o espaço para que o outro se coloque e seja visto, havendo integração das necessidades de cada uma como sendo das duas, ainda que discriminadas entre si. Isto fica claro na postura de Amanita, quando coloca “Eu” e “Você” como “Nós”, em diversas passagens da série.

No episódio 05, Nomi precisa descobrir se realmente tem uma doença no cérebro, ou se o médico está mentindo em prol de um objetivo que ela não sabe qual seria. Amanita não apenas lhe ouve e lhe dá credibilidade, como toma também para si a necessidade de resolução deste conflito, assegurando a Nomi que “nós vamos descobrir”. O episódio 9, por sua vez, mostra uma situação similar, quando Amanita corrige Nomi, dizendo que os problemas não são apenas dela: “você quer dizer nossos problemas”.

Diante o exposto, observa-se que Amanita aparece então como figura central

na rede de apoio de Nomi, exemplificando uma relação que não se cristaliza na premissa inicial da projeção, mas que se move no sentido de reconhecimento e recolhimento deste mecanismo involuntário, automático e espontâneo (Jung, 2013b). Além disso, ao conseguirem manter-se discriminadas em suas individualidades, formam assim uma união mais segura e verdadeira, na qual “Nós” pode existir de forma a integrar diferenças, e não as suprimir. Assim, constroem uma relação que se pode entender como mais condizente com a realidade imposta pelas dinâmicas contemporâneas, do que aquelas relações horizontais e pré-determinadas. Uma vez se coloca, neste modelo de organização social, o foco no desenvolvimento daquilo que é individual, cristalizando um espaço de solidão diante os modelos de relação previamente estabelecidos, se abre também a necessidade de construir relações interpessoais afetivas como espaço de aceitação e acolhimento do que é individual. É justamente esta a dinâmica que se observa entre Nomi e Amanita.

8.2 Relações parentais

As cenas em que são mencionados os pais de Nomi, nesta primeira temporada, são restritas. É no episódio 02, quando acorda após ser hospitalizada, que Nomi se depara com sua mãe e sua irmã no quarto do hospital. As cenas deste capítulo são as únicas em que a família da personagem realmente aparece. Faz-se, no entanto, de importante análise a relação que se explicita de forma bastante intensa nestas imagens.

A família de Nomi não a aceita enquanto mulher transexual e homossexual, o que fica implícito no episódio 02, quando Amanita diz a Nomi que a época da Parada Gay sempre a deixa com comportamentos diferentes do usual. Nomi responde que Amanita sabe por que, e ouve da namorada: “se eu tivesse os seus pais, eu seria mais do que um pouco maluca, eu seria homicida”. Esta é a primeira cena aonde vem à tona a dificuldade da família tradicional burguesa, com seus papéis e modelos muito bem e rigidamente estabelecidos, em lidar com a imposição da diferença, característica do mundo contemporâneo.

Após isto, Nomi é hospitalizada, pois desmaiou e caiu de uma moto, enquanto desfilava na Parada Gay. Sua mãe e sua irmã, então, se dirigem ao hospital, onde a mãe coloca seguranças para garantir que Amanita não entre em contato com Nomi. Ao acordar, Nomi se encontra nesta situação. A enfermeira a chama de “Michael” e sua mãe lhe diz que ela tinha este nome desde que estava em sua barriga, e que

assim será até o dia em que morrer. Fica explícito, assim, a rejeição à transexualidade da filha.

Vale ressaltar aqui que o pai de Nomi não aparece em nenhum episódio da série, até agora. Mais especificamente, Nomi se refere a ele em diálogo com Lito, dizendo que o pai nunca foi capaz de lhe perdoar por sua paixão por bonecas. Fica claro, então, que a impossibilidade de conviver com as diferenças do outro, quando estas frustram suas projeções, faz com que a rejeição do pai com relação a Nomi seja ainda maior do que aquela que sua mãe lhe demonstra naquele momento. Ainda assim, tornam-se difíceis análises mais apuradas, uma vez que, de fato, não há cenas em que o pai de Nomi apareça, nesta temporada.

A presença da mãe no hospital é de claro sofrimento para Nomi, que pede a companhia de Amanita e ouve da mãe que só é permitido a presença da família na UTI. A isto Nomi responde: “Ela é minha família”. Esta fala ressalta mais explicitamente as transformações sofridas na tradicional configuração familiar, que cada vez mais se pluraliza e toma por base elementos de afetividade que se sobreponham ao fator consanguíneo (Hironaka, 2006).

A relação hierárquica e vertical que sua mãe tenta lhe imputar não faz sentido a Nomi, dada sua necessidade de ser quem é, de firmar sua individualidade a despeito das regras rígidas, intransponíveis e pré-estabelecidas da família tradicional. Ao dizer à filha – a quem insistentemente se refere por “Michael” – que é sua mãe e que a ama, ainda que seja “sob seus termos”, bem como ao colocar a Nomi que ela “vai precisar de nós, você vai precisar da sua família”, a mãe reproduz um modelo tradicional de papéis rigidamente estabelecidos.

A família de Nomi, no entanto, como ela coloca, é Amanita, numa configuração onde há espaço para a flexibilidade pedida pelo desenvolvimento da dimensão individual, próprio da pós-modernidade (Wagner & Levandowski, 2008). Nomi não encontra, em sua família de origem, abertura à aceitação e à convivência com a diferença, precisando romper com esta dinâmica da família tradicional burguesa, para que possa se realizar enquanto individualidade. Assim o faz, expulsando sua mãe do hospital e lhe dizendo que ela não faz parte de sua família.

A ferida e o sofrimento diante a postura de sua mãe, no entanto, não são nulas. Porém, a possibilidade de construir uma nova família sendo quem realmente

é, parece amenizar este sofrimento para Nomi. As relações parentais, sobre as quais alguns dos precursores das grandes linhas teóricas da psicologia se debruçaram, não deixa de ter importância na configuração psíquica do indivíduo, dadas as transformações sociais. No entanto, como aponta Barcellos (2009), tal como são construídas, essas relações hierárquicas e baseadas no poder de um indivíduo sobre o outro, dificultam a experiência efetiva com a alteridade. Sendo assim, entende-se que a família contemporânea pede uma reformulação dos papéis, deixando-os mais flexíveis e passíveis de revisitações. Caso contrário, como fica claro na história de Nomi, a convivência familiar torna-se insuportável ao desenvolvimento individual do sujeito.

8.3 Relações fraternas

Diante o não acordo e o rompimento com as relações hierárquicas de uma família centrada no modelo tradicional burguês, Nomi não apenas redefine sua configuração familiar – tendo núcleo formado por ela e Amanita – como também encontra apoio e afeto em relações interpessoais simétricas. Tais relações aparecem na série nas cenas em que se explora o relacionamento de Nomi com amigos, bem como com Lito, um dos oito protagonistas que formam o cluster *sensate* do qual Nomi faz parte, e com os demais *sensates*.

Para se pensar tais relações, faz-se relevante, porém, uma reflexão inicial acerca da presença da irmã de Nomi no episódio 2. Teagan, sua irmã, aparece nas cenas em que a *sensate* se encontra hospitalizada e recebe a visita da mãe, que vem acompanhada da filha mais nova.

Nas cenas, o diálogo direto entre Nomi e Teagan é quase nulo, uma vez que a mãe toma o espaço para si, impondo às filhas sua hierarquia. Observa-se, no entanto, que ambas as irmãs refutam a postura da mãe em certa medida. De forma menos impositiva do que aquela à qual Nomi se vê obrigada a utilizar, Teagan constantemente repreende a mãe por sua postura com Nomi, chamando-lhe a atenção pela forma como se coloca diante a filha hospitalizada.

Teagan está sempre sentada próxima à cama de Nomi, se aproximando da irmã em sinal de apoio, segurando-lhe a mão. Há, ainda, intensa troca de olhares entre as irmãs, sinalizando uma busca por compreensão e apoio. Fica implícita, então, ainda que em meio à falta de diálogo direto, a existência de horizontalidade e empatia entre Nomi e Teagan. Estas características, no entanto, são, neste episódio,

sobrepujadas e prejudicadas pela relação com a mãe, o que se torna evidente quando Teagan se mantém presente na vida de Nomi apenas quando a mãe também está. Quando Nomi expulsa sua mãe do quarto do hospital, Teagan também vai embora. Neste sentido, é possível uma análise que se volte, mais uma vez, ao modelo tradicional de família. A força deste modelo, reproduzido e experimentado pelos seres humanos por tanto tempo, constantemente se sobrepõe aos ímpetos de consonância com a realidade da transformação dos modelos familiares. Teagan claramente discorda da postura de sua mãe para com Nomi, mas a força do relacionamento parental ainda se faz mais relevante.

É marcante, no entanto e a despeito da interferência da mãe em seu poder, a dinâmica da relação que há entre as irmãs, a qual faz alusão a características como as de aceitação da diferença e busca por pertencimento, direcionadas por Ribeiro (2016) à geração Y. Ambas as irmãs fazem parte desta geração, a qual pode abrir espaço a relações mais fraternas no seio das famílias, não àquelas relações entre irmãos que são permeadas pela hierarquia patriarcal da sucessão cronológica e de gênero dos filhos. Nascidas na geração Y, Nomi e Teagan contam com a possibilidade de buscar uma relação mais fraterna e horizontal, sem que haja tão incidente a disputa tão comum entre os irmãos das famílias nucleares burguesas.

Observa-se, assim, em meio às peculiaridades que lhe são próprias, ser esta imagem de horizontalidade e empatia presente na relação com Teagan aquela que inaugura a experiência do arquétipo fraterno em Nomi. Tal experiência, como aponta Barcellos (2009), é fundante da possibilidade de estabelecimento de relações simétricas, e se desdobra e se atualiza em relações com as figuras de amigos e colegas. Tais figuras aparecem na série, tal como Amanita, como rede de apoio com a qual Nomi conta para se proteger de Sussurros e descobrir o que está acontecendo em sua vida.

No episódio 5, Nomi e Amanita contam com a ajuda de um casal de amigas, que lhes auxilia no contato com a mãe de Amanita. Quando Nomi demonstra preocupação com o envolvimento das amigas em seu problema, ouve em resposta que não há incomodo, e que ela e Amanita são como família para o casal, tendo em vista tudo que passaram juntas. Mais uma vez, então, a série traz a realidade familiar como marcadamente constituída por laços de afetividade e relações de simetria. Mostra-se, assim, as relações horizontais de amizade como rede de apoio

nos momentos de crise, em meio às transformações na família (Souza, 2010).

Esta rede de apoio é trazida também no episódio 7, quando Nomi recorre a um antigo amigo, Bug, para que lhe ajude a investigar e espionar os envolvidos na perseguição aos *sensates*. Bug, que ainda não havia se encontrado com Nomi após sua transição para mulher, a recebe de braços abertos, revelando a aceitação da diferença do Outro e mantendo uma relação afetiva a despeito da mesma. O marcante na relação continua sendo a empatia e o reconhecimento da semelhança de ideais e valores, que fica claro quando Nomi expõe suas impressões sobre o trabalho de hacker ativista e Bug responde “Eu estava com saudades suas, amigão”.

Como exemplo de rede de apoio, de configuração familiar e de relação simétrica, aparece também a sogra de Nomi, Isabela. A mãe de Amanita recebe o casal em sua casa, no episódio 6, dando-lhes abrigo e escondendo-as da organização que está na busca por Nomi. Ao contrário do que se observa na relação de Nomi com sua mãe, Isabela trava com Amanita e com a nora uma relação de aceitação e amizade. Nomi divide com a sogra o que se passa em sua vida naquele momento, encontrando apoio e afeto de alguém com quem pode dividir suas angústias e pensar soluções para seus problemas. Mais uma vez, a relação de afeto se sobrepõe ao poder hierárquico do sangue.

Há, ainda, na relação com a sogra, identificação e empatia quanto ao momento peculiar de vida de Nomi, que está descobrindo em si este novo modo *sensate* de funcionamento humano. Isabela conta, no episódio 7, um evento de sua vida no qual encontrou Amanita, que havia se perdido, através de uma sensação que fugia à lógica racional, “um som que ela costumava fazer quando dormia no meu colo; uma sensação; uma vibração”. Isabela, que não é *sensate*, mostra-se capaz de se identificar com as transformações que Nomi relata em si mesma, dizendo que acredita haver muito mais coisas que fogem do entendimento racional do que a quantidade de coisas que este entendimento abarca. É, então, uma relação em que a família, em suas novas configurações, aparece ainda como forte rede de apoio, como aponta Lino (2009). Claramente, Isabela foge dos padrões tradicionais, representando, então, na série, as novas possibilidades de constituição de famílias e de relações.

No que se refere a relações horizontais, é relevante, também, nesta transformação pela qual passa Nomi ao se aprender *sensate* durante toda a

temporada, as relações que estabelece com os demais *sensates* de seu grupo. Durante toda a temporada, os oito personagens lidam com a estranheza das modificações implicadas em ser *sensate*. Há, inicialmente, uma rede natural de ajuda entre eles, quando se instala uma situação de perigo ou de fragilidade emocional. Faz-se, aqui, um paralelo com corrupção da confiança, apontada por Bauman (2004), na realidade contemporânea de fluidez. São justamente em momentos de fragilidade e perigo que a sombra da insegurança e do desamparo aparece aos indivíduos, que rodeados por relações voláteis, encontram-se com a dita solidão em meio à visibilidade. Na série, então, aparecem os demais *sensates* nestes momentos, aludindo a laços que contrariem esta dinâmica volátil e efêmera da pós-modernidade.

No que se concerne aos demais *sensates* como rede de apoio de Nomi, isto fica explícito principalmente em momentos de perigo físico, nos quais a carência de uma rede se faz mais relevante para ela. São dois os momentos em que Nomi precisa da ajuda de seu grupo, nesta temporada: a fuga do hospital, no episódio 4, e a fuga de Sussurros, no episódio 8. Em ambos os momentos, Nomi conta em especial com a ajuda de Wil, com quem desenvolve uma relação mais intensa nesta temporada. Conta, ainda, com a ajuda de Sun e Capheus, no episódio 8.

Quando está hospitalizada contra sua vontade, a interação *sensate* com Wil ajuda Nomi a fugir, possibilitando que ela encontre Amanita e comece sua fuga da organização liderada por Sussurros. No episódio seguinte, inicia-se uma sucessão de “visitas” – como chamam quando um *sensate* interage com o outro – entre Nomi e Wil, ainda sem que eles as controlem de maneira voluntária. No episódio 5, Wil, que está fazendo uma pesquisa sobre Nomi, telefona para a mãe da *sensate*. Dá-se aí a primeira interação entre eles após a fuga do hospital. Wil sente o que o comportamento da mãe de Nomi lhe causa, enquanto Nomi ouve a conversa que o policial está tendo com sua mãe. As diferenças aparentemente tão claras entre o policial, cis, heterossexual e a ativista, trans, homossexual tornam-se de nula relevância uma vez que Wil é capaz de acessar o sentimento de Nomi diante a discriminação de sua própria mãe. O telefonema acaba, então, com Wil desligando o telefone após corrigir a mãe de Nomi, quando esta chama a filha de “Michael”.

A próxima visita entre eles acontece no episódio 8, quando Nomi e Wil se apresentam diretamente um ao outro, enquanto estão concomitantemente fazendo

pesquisas sobre a organização que lhes persegue, cada um em sua respectiva cidade. Passam então, a trabalhar juntos na investigação, tentando compreender o que se passa com eles. Há, ainda neste episódio, a fuga de Nomi de Sussurros, que a encontra na casa de sua sogra. É aí que se dá a visita de Wil, Sun e Capheus, quando Nomi deliberadamente pede por ajuda, e só consegue fugir pois Sun e Capheus interferem na situação com suas habilidades de luta e direção. Novamente a possibilidade não apenas de empatia, mas de acesso direto às emoções dos demais integrantes de um grupo *sensate* anula as diferenças da individualidade de cada um, em prol da ajuda mútua.

Diante tais cenas com Wil, Sun e Capheus, observa-se que estas interações com os demais *sensates* de seu grupo, configuram-se como rede de apoio para Nomi, que, apesar de contar com Amanita e com alguns amigos, não tem artifícios suficientes para encarar a perseguição da organização de Sussurros. No entanto, no que se refere ao apoio afetivo e emocional, a ligação de Wil para a mãe de Nomi o introduza sutilmente como rede de apoio a Nomi, o que se confirma com a aceitação de Nomi pelos demais *sensates*, que não fazem nenhum questionamento sobre sua identidade de gênero ou sexualidade – nem mesmo Kala, que vem de uma cultura tradicional indiana, ou Wolfgang, que cresce nos extremos do patriarcado e do machismo. Ainda assim, é como rede de apoio aos *sensates* que Nomi aparece mais claramente. Isso fica explícito em seu contato com Lito, no episódio 9.

Através de um diálogo simétrico, empático e livre de julgamentos, a interação de Nomi com Lito, em tal episódio, mostra de forma intensa não só a capacidade, mas também a necessidade das relações fraternas/simétricas no desenvolvimento da individualidade (Barcellos, 2009). Neste encontro, Nomi aparece como rede de apoio à crise pela qual o *sensate* passa em seu relacionamento amoroso. Através do contato até então inexplicável que estabelecem, Nomi e Lito se encontram em um momento em que ambos passam por fragilidades distintas, e conseguem encontrar semelhanças em suas dores. Nomi se identifica com a dificuldade que Lito enfrenta de assumir sua sexualidade, mostrando-lhe como sua vida se desenhou até que ela pudesse assumir para si mesma, e então para os outros, quem de fato é.

Além desta troca específica com Lito, Nomi aparece, em parceria com Wil, como rede de apoio a todos os demais *sensates* do grupo. Os dois acabam por se debruçar sobre o que está se passando em suas vidas, realizando pesquisas

através dos artifícios aos quais cada um tem acesso e se mobilizando para dar suporte aos demais quando um deles precisa de ajuda. As cenas em que é necessário planejar fugas e ter um olhar mais amplo e detalhado sobre a situação, para que se possa socorrer alguém do grupo, contam com a liderança conjunta de Nomi e Wil.

Ao que concerne aos *sensates*, então, fica claro que a relação que se estabelece entre eles, apesar de ainda em fase de adaptação e compreensão, se dá de forma extremamente relevante. Constroem-se, na vida de Nomi, relacionamentos tão importantes quanto aquele que vive com Amanita. Mesmo que à distância fisicamente, são relações de compartilhamento, intimidade, aceitação e apoio sem que haja as intermitências e os conflitos de julgamentos pré-concebidos e projeções.

Por fim, no que se concerne às relações fraternas, observa-se durante toda a temporada, a importância da construção de relações horizontais, dada a configuração social da pós-modernidade, com sua flexibilidade e volatilidade, e com o movimento de interioridade que se observa nos indivíduos. Tal movimento se dá no sentido de os indivíduos se voltarem, cada vez mais, à sua individualidade, prezando mais por seu desenvolvimento pessoal. São dinâmicas, então, que requerem estruturas interpessoais também mais maleáveis, que se baseiem na aceitação da diferença e na empatia, para a construção da intimidade como “confiança e expressão aberta de sentimentos” (Sennett, 2002, p.17). A intimidade pede e pressupõe, nesta configuração, por aceitação e espaço de convivência entre as diferenças, o que corrobora a necessidade de um olhar analítico à constelação do arquétipo da Fratria nos indivíduos contemporâneos.

8.4 Gênero e sexualidade

Diante o não acordo e o rompimento com as relações hierárquicas de uma família centrada no modelo tradicional burguês, Nomi não apenas redefine sua configuração familiar. Não seria possível realizar uma análise da personagem em questão, ainda, sem passar pela questão do gênero e da sexualidade. Em toda a primeira temporada, é trazida a relevância dessas questões na vida de Nomi, que se mantém ativa na posição de luta por igualdade.

Entende-se aqui, no entanto, que tais questões, na verdade, giram em torno de temas centrais, os quais cada vez mais abertamente se repetem na vida dos indivíduos. As dificuldades presentes na vida de Nomi não falam de um conflito

interno com a sexualidade e com o gênero em si; seu equilíbrio interno quanto a tais questões mostra-se fortalecido e saudável. As dificuldades apresentadas pelo enredo da série falam, sim, dos conflitos interpessoais a partir destes temas em sua vida, conflitos que se desenrolam a partir de um padrão normativo e vertical que ainda hoje perpassa muitas relações.

No episódio 02, Nomi grava um discurso em seu blog, falando da Parada Gay:

“Estive pensando na minha vida, e em todos os erros que cometi. Os erros que me incomodam, aqueles dos quais me arrependo são aqueles que eu cometi por causa do medo. Durante muito tempo, eu senti medo de ser quem eu sou, porque aprendi com meus pais que havia algo de errado em ser como eu. Algo ofensivo, algo que deveria ser evitado, que talvez até merecesse piedade. Algo que ninguém poderia amar. Minha mãe é fã de São Tomás Aquino. Ela chama o orgulho de pecado. De todo os principais pecados mortais, São Tomás considerava o orgulho como a rainha dos sete mortais. Ele achava que era isso que levava a todos os pecados e que nos tornava viciados em pecados. Mas o ódio não é pecado, segundo essa lista. Nem a vergonha. Eu tinha medo da Parada porque desejava muito participar dela. Então, hoje, vou desfilar por aquela parte de mim que um dia senti medo demais de desfilar. E por todas as pessoas que não podem desfilar, as pessoas vivendo vidas como a que vivi. Hoje, desfilo para lembrar que eu não sou apenas eu, também sou ‘nós’.”

Fala-se, portanto, da forma como as relações são construídas com base nas projeções que lhe permeiam, as quais, enrijecidas, não permitem que o Eu se reconheça enquanto totalidade, e que, assim, não consiga reconhecer também o Outro. Mais ainda, fala da impossibilidade de que, nesta dinâmica, o Eu não possa se enxergar a si mesmo. Não se ver a si e não enxergar o outro enquanto totalidade faz parte de uma dinâmica psíquica baseada nas projeções e na hierarquia de uma consciência enrijecida.

Nomi conta, em seu discurso, que se libertou das projeções que abraçava das pessoas ao seu redor, principalmente de seus pais. Superou o medo que provinha de si mesma, o medo de ser quem realmente era, uma vez que isso não condizia com as expectativas do mundo exterior. Sentiu medo e vergonha, mas conseguiu se libertar destas fragilidades e integrar aspectos que eram essenciais em si mesma.

Sendo quem era e reconhecendo em si sua individualidade, passou a relacionar-se de maneira mais genuína, e encontrou em Amanita uma relação saudável e flexível.

Tais observações colocam a questão central de toda a análise da história de Nomi na série, ou seja, colocam a questão da aceitação da diferença em relação ao outro, da experiência da alteridade em relações horizontais e simétricas. A história de Nomi não tem, portanto, relação direta com sua vivência da sua identidade de gênero e da sua sexualidade. Tem, sim, relação com a intolerância ao que foge aos padrões normativos da sociedade burguesa, mesmo dentro da família. Fala, portanto, da necessidade apontada por Jacoby (2011) de que “Eu, na minha própria totalidade, estou me relacionando com Você na sua própria totalidade.” (p.91).

Neste sentido, abre-se a hipótese de que não apenas para a população LGBT, mas para todas as minorias que carregam em si a fuga dos padrões normativos, as relações fraternas configuram maior importância. Uma vez que preconizam a aceitação do outro em sua individualidade, tais relações aparecem como frutíferas na construção de laços densos e dinâmicas maleáveis àqueles que não se encaixam nos padrões louvados por aquelas relações que se baseiam em um pressuposto hierárquico de papéis pré-definidos.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo observar em que se baseiam as relações interpessoais contemporâneas, em relação a redes afetivas e de apoio, e configurações familiares. Neste sentido, construiu-se uma trajetória em direção à compreensão das mudanças requeridas nos relacionamentos interpessoais íntimos diante às dinâmicas da sociedade capitalista contemporânea.

Ao enunciar a contemporaneidade, cabe ressaltar, compreendeu-se a pós-modernidade como momento histórico vigente nos grandes centros urbanos, regidos pelo Capitalismo, com suas atuais dinâmicas efêmeras e voláteis. Bem como pela individualidade prezada por tais dinâmicas. Sendo assim, há de se manter em mente que a análise aqui feita tem suas restrições, não abrangendo populações que se situem fora deste recorte.

Para realizar o estudo, neste viés, então, escolheu-se analisar a série Sense8, colocando sob foco de análise a personagem Nomi, uma vez que sua história, na série, traz símbolos das considerações feitas acerca das transformações nas relações interpessoais íntimas. A rede de relações afetivas de Nomi revela as diferenças entre a construção pós-moderna dos relacionamentos e o modelo tradicional constelado por uma sociedade até então normativa e patriarcal.

A rede de apoio com a qual Nomi conta em situações de crise revela a importância do estabelecimento de relações simétricas e horizontais em meio a uma dinâmica sociocultural em que se valoriza a o desenvolvimento daquilo que é individual. As relações de Nomi com sua namorada Amanita, bem como com seus amigos e com os *sensates* mostram, assim, a relevância da aceitação da diferença na contemporaneidade.

Tal necessidade chama à importância de se atentar ao arquétipo da Fratria, a partir do qual se abre a possibilidade de experiência da alteridade. É através das relações fraternas, que se constroem de maneira simétrica, que os seres humanos se tornam capazes de enxergar o outro em sua individualidade. Reconhecem-se a si mesmos e podem, assim, relacionar-se com o outro enquanto Você dotado de individualidade distinta da sua, e não enquanto Isso, objeto de suas projeções.

A relação de Nomi com sua família, por sua vez, corrobora o cair por terra do pressuposto de que a configuração tradicional nuclear burguesa de família se dá

como única configuração familiar possível. A necessidade de aceitar-se e desenvolver-se em direção àquilo que realmente é, independente de papéis previamente estabelecidos, leva Nomi a romper com seu núcleo familiar, uma vez que este se configura com base em relações parentais hierárquicas e verticais.

Têm-se, então, na série, a família em suas novas facetas e configurações. Nomi constitui com Amanita seu novo núcleo familiar, considerando como família aquelas pessoas com as quais tem não apenas um relacionamento afetivo importante, mas também uma relação de aceitação e horizontalidade. Os amigos passam, neste contexto, a exercer o papel de família, em lugar de uma família consanguínea que não provê acolhimento.

Cabe a ressalva, no entanto, de que, mesmo tendo o caminho trilhado durante a análise levado a tais considerações acerca da família consanguínea, esta também pode, no mundo contemporâneo, exercer a sua função primordial e se estabelecer como rede de apoio aos seus membros. Isto, inclusive, aparece na série no que diz respeito à família de Amanita, que revela nova configuração da família que conservam também a consanguinidade, ainda que não seja este o fator de maior relevância.

Há, ainda, a descoberta de Nomi como parte de um grupo de *sensates* e sua relação com os demais integrantes deste grupo. A proposta da série de que surja uma nova configuração biológica e psíquica do ser humano que o coloque em contato direto com as emoções e pensamentos de seus similares, segue em direção à hipótese da relevância das relações fraternas. Isto, pois, ao acessar a existência de outro indivíduo enquanto totalidade, torna-se possível superar as diferenças e reconhecer o Outro sem perder-se de si mesmo.

A relação dos *sensates* entre si potencializa, na ficção, os laços densos que se pode observar existentes na vida de Nomi, ampliando ainda mais a noção de que em meio à solidão das multidões, os indivíduos, em sua necessidade mais íntima, pedem por relações interpessoais de afeto, aceitação e compartilhamento. Para além da ficção, a possibilidade de que as relações amorosas e fraternas com indivíduos imediatamente próximos a Nomi se construam progressivamente na ampliação da simetria apresenta-se de fato como acolhedora das angústias trazidas por um mundo líquido.

A análise das relações interpessoais afetivas da personagem Nomi, tomadas como representações das dinâmicas que se apresentam na contemporaneidade, aponta, portanto, no sentido da relevância dos laços densos. Entende-se, assim, que as relações afetivas e íntimas se fazem fator de importante relevância aos indivíduos imersos na volatilidade do mundo capitalista flexível. Busca-se por aceitação da diferença, bem como por relações horizontais e pelo reconhecimento do Eu e do Outro, em um movimento em direção à construção de relacionamentos humanos mais verdadeiros e horizontais.

Neste sentido, cabe a continuidade e o aprofundamento nos estudos que se direcionam às dinâmicas relacionais do indivíduo contemporâneo. Que espaço as relações simétricas encontram no espaço social? Quais as barreiras ainda suspensas contra este tipo de relação? O que muda na configuração psíquica do indivíduo? Como se dão as relações interpessoais em outras organizações sócio-econômicas e culturais? São estes alguns dos questionamentos a se levantar e, sem dúvidas, material de análise rico e extenso na tentativa de compreensão da realidade vivida pelo ser humano do século XXI.

10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS, Gustavo. Jung, junguianos e arte: uma breve apreciação. **Proposições**. Campinas, v.15, n.1(43), p.27-38, 2004.

BARCELLOS, Gustavo. **O irmão**: psicologia do arquétipo fraterno. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (orgs) **Psicologia Sócio-Histórica: Uma perspectiva crítica em Psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 15-35.

BYINGTON, C. A. B. A família como sistema estruturante do self: um Estudo da Psicologia Simbólica Junguiana. In: SEMINÁRIOS DE FORMAÇÃO DE ANALISTAS SBPA, IX., São Paulo, 2011.

CARDOSO, C. Sense8 – outro gol da Netflix, não recomendado por Feliciano ou pro Pequeno Juan. Disponível em: <<http://meiobit.com/319251/sense8-review-quase-sem-spoilers-da-serie-original-netflix/>>. Acesso em: 25.nov.2016.

CAVALHEIRO, G. F. A experiência da função mitológica no seriado How I Met Your Mother. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL, XVII. Curitiba, 2016.

ESTEVES, Jéssica Harumi. **A manifestação simbólica da polaridade puer-senex**: impactos do mundo contemporâneo no fenômeno psíquico. São Paulo, 2014, 32p. Monografia – SES-SP.

GARCIA, Agnaldo. Relações interpessoais e sociedade: uma introdução. In: GARCIA, A.; PEREIRA, F. N.; OLIVEIRA, M. S. P. (orgs) **Relações interpessoais e sociedade**. 1. ed. Vitória: UFES, 2013, p. 7-14.

HENDERSON, Joseph L. Os mitos antigos e o homem moderno. In: JUNG, C. G. (org) **O Homem e seus Símbolos**. 2. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 133-206.

HIRONAKA, G. M. F. N. A incessante travessia dos tempos e a renovação dos paradigmas: a família, seu status e seu enquadramento na pós-modernidade. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo**. São Paulo, v.101, p. 153-167, 2006.

JACOBY, Mario. **O Encontro Analítico**: transferência e relacionamento humano. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

JUNG, C. G. Mysterium Coniunctionis. In: **Obra Completa de C. G. Jung**, vol. 14/1. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. A natureza da psique. In: **Obra Completa de C. G. Jung**, vol. 8/2. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013a.

_____. A vida simbólica vol.1. In: **Obra Completa de C. G. Jung**, vol. 18/1. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2013b.

_____. Freud e a Psicanálise. In: **Obra Completa de C. G. Jung**, vol. 4. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2013c.

_____. O espírito na arte e na ciência. In: **Obra Completa de C. G. Jung**, vol. 15. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2013d.

_____. Tipos psicológicos. In: **Obra Completa de C. G. Jung**, vol. 6. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2013e.

_____. Psicologia do inconsciente. In: **Obra Completa de C. G. Jung**, vol. 7/1. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. O eu e o inconsciente. In: **Obra Completa de C. G. Jung**, vol. 7/2. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

LINO, Michelle Villaça. A contemporaneidade e seus impactos nas relações familiares. **Revista IGT na Rede**. v.6, n.10, p.2-13, 2009.

MAIA, D. D. As perspectivas psicológicas de Jung sobre as ciências e a arte. Disponível em: <<http://ijusp.org.br/artigos/perspectivas-psicologicas-de-jung-sobre-as-ciencias-e-a-arte/>>. Acesso em: 11.mai.2016.

MEIRELES, F. S.; TEXEIRA, S. M. As diversas faces da família contemporânea: conceitos e novas configurações. **Informe Econômico UFPI**. Piauí, v.31, p.38-44, 2014.

MELLO, A. B.; LONGO, A.; FORTIM, I. Séries mais assistidas no Netflix e motivos de identificação. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXIX., 2016, São Paulo, 2016.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. **Psicologia & Sociedade**. Rio de Janeiro, v.17(2), p. 50-57, 2005

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. **Psicologia: Teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p.193-202, 2002.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. A passagem interna da Modernidade para a Pós-Modernidade. **Psicologia: ciência e profissão**. Brasília, v24 (1), p. 82-93, 2004.

OLIVEIRA, Luisa de. **Coisas de menina**: análise simbólica da personagem Buffy – a caça vampiros. São, Paulo, 2007. 101p. Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ORLEY, E. Everything you need to know about Netflix's new show Sense8, May 7, 2015. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/emilyorley/everything-you-need-to-know-about-netflixs-new-show-sense8?utm_term=.ndG7zoOJq#.vq5rA6pVG>. Acesso em: 11.mai.2016.

PALADINO, Erane. **O adolescente e o conflito de gerações na sociedade contemporânea**. Casa do Psicólogo, 2005.

PANARIELLO, Cibele. **Sobre o narcisismo nos relacionamentos amorosos**: uma análise de Vicky Cristina Barcelona. São Paulo, 2010. 47p. Trabalho de Conclusão de Curso para graduação em Psicologia – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PENNA, Eloísa. O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. **Psicol. USP**. São Paulo, v.16, n.3, 2005.

PENNA, Eloísa. **Processamento simbólico-arquetípico**: pesquisa em psicologia analítica. São Paulo: Educ, 2014.

PEREIRA, H. C. Da metamorfose dos deuses: capitalismo e arquétipo no século XXI. **Estudos e pesquisas em psicologia – UERJ**. Rio de Janeiro, n.2, p.376-388, 2009.

RIBEIRO, R. A. C. A new viewer's profile: How the generation Y see itself represented on the screen. **Dígitos – Revista de Comunicación Digital**. n.2, 2016.

RODRIGUES, Vera Lúcia Cardoso. **A saudade como matriz para pensar a intimidade na contemporaneidade**. Porto, 2009, 102p. Dissertação de mestrado em Filosofia da Educação – Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

ROMÃO-DIAS, D.; NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Eu posso me ver como sendo dois, três ou mais: Algumas reflexões sobre a subjetividade contemporânea. **Psicologia: Ciência e profissão**. v.25(1), p.70-87, 2005.

SARTI, Cynthia A. Família e Individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, M. C. B. (org) **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC, 1995, p.39-50.

SENNETT, Ricard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

Sense8. Disponível em:

<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Sense8#Concep.C3.A7.C3.A3o>>. Acessado em: 11.mai.2016.

SILVA, Rafael Bianchi. **Lugares para amizade na sociedade contemporânea**: caminhos educativos a partir da obra de Zygmunt Bauman. Marília, 2012, 197p. Tese de Doutorado na Pós Graduação em Educação – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho.

SILVA, Rafael Bianchi; CARVALHO, Alonso Bezerra de. Amizade e a virtualização das relações humanas na sociedade contemporânea: reflexões a partir de Zygmunt Bauman. **Revista Espaço-Acadêmico**. n.153, p.10-16, 2014.

SIQUEIRA, T. C. A. Caráter e trabalho no novo capitalismo. **Soc. Estado**. Brasília, v.17, n.1, 2002.

SZYMANSKI, Heloisa. Teorias e “Teorias” de famílias. In: CARVALHO, M. C. B. (org) **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC, 1995, p.23-28.

SOUZA, Carolina Luz de. **Um olhar junguiano sobre as relações de amizade masculinas na atualidade**. São Paulo, 2010, 138p. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

VON FRANZ, M.-L. O processo de individuação. In: JUNG, C. G. (org) **O homem e seus símbolos**. 2ª ed. especial, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 207-307.

WAGNER, A.; LEVANDOWSKI, D. C. Sentir-se bem em família: um desafio frente à diversidade. **Revista Textos e Contextos**. Porto Alegre, v.7, n.1, p.88-97, 2008.